

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS FOZ DO IGUAÇU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

GIVALDO MOISES DE OLIVEIRA

**COMECEI A SONHAR COM HOMENS: A “SAÍDA DO ARMÁRIO”
VIVENCIADA POR HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM SUAS
INTERAÇÕES FAMILIARES**

FOZ DO IGUAÇU - PR

2019

GIVALDO MOISES DE OLIVEIRA

**COMECEI A SONHAR COM HOMENS: A “SAÍDA DO ARMÁRIO”
VIVENCIADA POR HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM SUAS
INTERAÇÕES FAMILIARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar *Strictu Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível Mestrado Interdisciplinar – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de pesquisa: Linguagem, Cultura e Identidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Regina Coeli Machado e Silva.

FOZ DO IGUAÇU - PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Oliveira, Givaldo Moises de

Comecei a sonhar com homens: : a "saída do armário" vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares. / Givaldo Moises de Oliveira; orientador(a), Regina Coeli Machado e Silva, 2019.

92 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.

1. Homossexualidade. 2. Saída do armário. 3. Família. I. Machado e Silva, Regina Coeli. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



GIVALDO MOISES DE OLIVEIRA

COMECEI A SONHAR COM HOMENS: A "SAÍDA DO ARMÁRIO" VIVENCIADA
POR HOMOSSEXUAIS MASCULINOS EM SUAS INTERAÇÕES FAMILIARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade,
Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título
de Mestre em Sociedade, cultura e fronteiras, área de concentração Sociedade,
Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade,
APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Regina Coeli Machado e Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

Fabio Lopes Alves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Franco Ezequiel Harjos

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ (IFPR)

Foz do Iguaçu, 22 de março de 2019

Dedico este trabalho a meus pais, José Moisés de Oliveira (*in memoriam*) e Amélia Inácio de Oliveira, pelo amor incondicional. E ao meu companheiro, Pablo Lima Flores, pelo amor, carinho, paciência e companheirismo. Essas pessoas me ensinam que o amor pode ser vivenciado sem medo de ser feliz.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Regina Coeli Machado e Silva, pela dedicação, paciência, exigências profissionais, o que faz aumentar ainda mais a minha admiração pelo seu apreço e responsabilidade para com a vivência acadêmica. Sua contribuição foi fundamental para que eu conseguisse realizar este trabalho.

Ao meu amigo e irmão de alma, Luciano Marcos dos Santos, por estar sempre ao meu lado nos momentos difíceis deste percurso.

À minha amiga e mãe de alma, Selvira Wilma Seibert de Mello, pelos abraços e carinhos nos momentos em que precisei de colo.

A todos os professores do colegiado do curso de mestrado interdisciplinar sociedade cultura e fronteira. Em especial ao professor prof. Dr. Oscar Kenji Nihei pela sua paciência e dedicação.

À Vânia Valle pela dedicação e excelente trabalho realizado na secretaria do mestrado.

Aos colegas da turma de mestrado por compartilhar conhecimentos e experiências, alegrias e dores.

À direção do Instituto Federal do Paraná pela compreensão dos momentos de maior dificuldade. Obrigado especial ao professor Nelson Castro Neto e à professora Roseli Bernadete Dahlem e Suellen Paola Martins.

Aos homossexuais entrevistados que se dispuseram a abrir seu armário para que este trabalho pudesse ser realizado. Meu eterno agradecimento.

A todos os meus colegas do Instituto Federal do Paraná, em especial, aos da Sala de Humanas.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia; e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

(Fernando Teixeira Andrade)

OLIVEIRA, Givaldo Moises. Comecei a sonhar com homens: a “saída do armário” vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a “saída do armário”, categoria que identifica o percurso de tornar pública a homossexualidade. A pesquisa objetivou descrever o caminho construído por homens homossexuais que decidiram tornar pública uma orientação sexual marcada por estigmas, preconceitos e violências. Tratou-se de identificar como se deu essa decisão e as implicações deste posicionamento. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com dez homossexuais assumidos, residentes em Foz do Iguaçu. Adotou-se, como metodologia, uma abordagem qualitativa, tendo a entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados. A análise das informações coletadas foi norteada pela perspectiva dramatúrgica Goffmaniana, que analisa as relações sociais a partir da metáfora teatral. A saída do armário é compreendida como um ato que possibilita ao ator homossexual enfrentar os estigmas e buscar igualdade com os demais indivíduos em todas as dimensões sociais.

Palavras-chave: homossexualidade; saída do armário; família.

OLIVEIRA, Givaldo Moises. I began to dream about men: the "out of the closet" experienced by male homosexuals in their family interactions. 2018. 92 f. Dissertation (Masters in Society, Culture and Borders) - State University of West Paraná. Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

This dissertation presents a study on the "coming out of the closet", a category that identifies the path of making homosexuality public. The research aimed to describe the path followed by homosexual men who decided to make public a sexual orientation marked by stigma, prejudice and violence. The objective was to identify how this decision was made and its implications. The research was based on interviews with ten openly homosexuals who live in Foz do Iguaçu. The adopted methodology was a qualitative approach, with the semi-structured interview as the main instrument for data collection. The analysis of the collected information was guided by the Goffmanian dramaturgical perspective, which analyzes social relations from the theatrical metaphor. To become "out of the closet" can be understood as an act that allows the homosexual actor to face the stigmata and to search for equality among the other individuals in all social dimensions.

Keywords: homosexuality; coming out of the closet; family.

OLIVEIRA, Givaldo Moises. Empecé a soñar con hombres: la "salida del armario" vivenciada por homosexuales masculinos en sus interacciones familiares. 2018. 92 f. Disertación (Maestría Interdisciplinaria en Sociedad, Cultura y Fronteras) - Universidad Estadual del Oeste de Paraná. Foz de Iguazu.

RESUMEN

Esta disertación presenta un estudio sobre la "salida del armario", categoría que identifica el recorrido de hacer pública la homosexualidad. La investigación objetivó describir el camino construido por hombres homosexuales que decidieron hacer pública una orientación sexual marcada por estigmas, prejuicios y violencias. Se trató de identificar cómo se dio esa decisión y las implicaciones de este posicionamiento. La investigación fue realizada a partir de entrevistas con diez homosexuales asumidos, residentes en Foz do Iguazu. Se adoptó, como metodología, un abordaje cualitativo, teniendo la entrevista semiestructurada como principal instrumento de recolección de datos. El análisis de las informaciones recolectadas fue guiado por la perspectiva dramaturgica Goffmaniana, que analiza las relaciones sociales a partir de la metáfora teatral. La salida del armario es comprendida como un acto que posibilita al actor homosexual enfrentar los estigmas y buscar igualdad con los demás individuos en todas las dimensiones sociales.

Palabras-clave: homosexualidad; salida del armario; familia.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 O “ARMÁRIO”, UM OBJETO DE PESQUISA	21
1.1 ABRINDO AS PORTAS DO “ARMÁRIO” ATRAVÉS DA LITERATURA	21
1.2 O ARMÁRIO DE PORTAS FECHADAS: UM DISPOSITIVO DE CONTROLE.....	26
1.3 SOMENTE DOIS CABIDES?	28
1.4 DO “SAIR” PARA A “SAÍDA DO ARMÁRIO”: UMA TRAJETÓRIA	33
1.5 PERSONAGENS, BASTIDORES E PALCOS: INTERAÇÕES NORTEADAS POR UMA METÁFORA TEATRAL	37
2 UM ATOR DIANTE DE SUAS PERSONAGENS	49
2.1 PROCURAM-SE “ARMÁRIOS ABERTOS”: UM PROCESSO METODOLÓGICO	49
2.2 QUE SE ABRAM AS CORTINAS! OU MELHOR, “AS PORTAS DO ARMÁRIO”!.....	50
3 ENTRE A CRIAÇÃO DA PERSONAGEM E O PALCO: OS BASTIDORES	58
3.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HOMOSSEXUAL: UM PROCESSO SOLITÁRIO PROTEGIDO A SETE CHAVES	58
3.2 “É COMO UM COPO QUE VAI SE ENCHENDO, SE ENCHENDO ATÉ TRANSBORDAR”	65
4 NO PALCO: UMA NOVA PERSONAGEM EM CENA	70
4.1 ABRINDO AS PORTAS DO “ARMÁRIO” NO CENÁRIO FAMILIAR.....	70
4.2 UMA DECLARAÇÃO E DIVERSAS REAÇÕES	73
4.3 O NÃO DITO.....	76
4.4 O DITO PELO NÃO DITO	78
4.5 ASSUMINDO	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é apresentar uma discussão da experiência vivenciada por homens homossexuais ao tornarem pública sua homossexualidade, identificada como "sair do armário". Por meio de entrevistas com homossexuais, busco identificar como se deu a decisão, a complexidade e as implicações desse ato de assumir publicamente sua orientação sexual: seus conflitos pessoais, as angústias e as preocupações advindas dessa tomada de decisão no contexto familiar.

A experiência conhecida como "sair do armário" não é apenas uma decisão pessoal, limitada a uma esfera íntima e privada. Ela está cada vez mais inserida no debate público e político e é parte de políticas governamentais como Programa Nacional "Brasil sem Homofobia" (2004), Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT (2005), o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT (2010). Em 2013 o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a contemplar o atendimento completo para travestis, transexuais e transgêneros como terapia hormonal e cirurgias. A identidade de gênero passou também a ser respeitada com a inclusão do nome social no cartão do SUS (PORTAL BRASIL, 2015), dentre outras. Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união homoafetiva como uma entidade familiar, ou seja, reconheceu o casamento entre indivíduos do mesmo sexo. Mas, apesar de ser aprovado, este reconhecimento só terá peso e força de lei quando constar no Código Civil, caso contrário, a qualquer momento pode ser contestado (BRASIL, 2011). Entretanto, a aprovação gerou algumas mudanças como a Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, aprovada durante a 169ª Sessão Plenária do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que orientava que cartórios de todo o país não poderiam recusar a celebração de casamentos civis de casais do mesmo sexo ou deixar de converter em casamento uniões estáveis homoafetivas (BRASIL, 2013). Em 16 de junho de 2017, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado aprovou o projeto de lei que altera o Código Civil, para reconhecer a união estável e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O projeto foi encaminhado para o Plenário do Senado Federal para que, de fato, vire lei.

Neste contexto, no debate público veiculado pela mídia, ganha destaque a discussão sobre a “Ideologia de Gênero”, o termo foi cunhado pela Igreja Católica, na Conferência Episcopal do Peru, em 1998, para se referir a uma linha de pensamento que seria contrária à divisão da humanidade entre masculino e feminino, considerada pelos religiosos um perigo para o mundo, que poria em risco a concepção de família (BRANDALISE, 2019). No Brasil, a expressão reverberou a partir de 2004, quando foi elaborada a proposta da Escola Sem Partido¹. O termo passou a ser usado, principalmente, pela bancada evangélica. A “ideologia de gênero” ganhou destaque quando o Ministério da Educação (MEC) buscou incluir a educação sexual, o combate às discriminações e a promoção da diversidade de gênero e orientações sexuais no Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014. Os últimos dois pontos, no entanto, geraram uma grande reação por parte de grupos conservadores, que não consideravam as pautas sobre questão de gênero apropriadas ao ambiente escolar e o projeto foi barrado. Após muitos protestos por parte da população, liderada por grupos religiosos e pelo Escola sem Partido, o PNE foi aprovado sem fazer menção a gênero e orientação sexual (MORAIS, 2018). No entanto, continuou reverberando nas falas públicas, tuítes, campanhas e entrevistas e, pela própria ministra de Mulheres, Família e Direitos Humanos, Damares Alves que, em um discurso público, afirmou "menino usa azul e menina usa rosa" como uma metáfora contra essa linha de pensamento (BRANDALISE, 2019).

Nas eleições de 2018, o termo voltou à tona em diversas menções do, então candidato, Jair Bolsonaro. Isso teve repercussão a ponto de manifestações públicas de violências ocorrerem em várias partes do país, como a ocorrida na estação da Sé, na Linha Azul do Metrô de São Paulo, uma das mais movimentadas da cidade onde um grupo, que contava com alguns torcedores do Palmeiras, ressalta aos gritos “Ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar veado!” (VEJA, 2018). Essas manifestações passam a impressão que há uma movimentação buscando colocar os LGBT+ novamente no armário.

¹ O Escola sem Partido é um movimento criado em 2004, e se define como uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem vinculações política, ideológica ou partidária. O objetivo é criar mecanismos para que professores não possam doutrinar ideologicamente seus alunos, ou seja, transferir aos estudantes suas concepções morais e políticas (Souza, 2018).

No campo artístico houve um aumento na produção voltada a temáticas LGBT+ com produções como: Antes do anoitecer (Before Night Falls, Julian Schnabel EUA, 2000); Carandiru (Hector Babenco – 2003); Cazuza, o Tempo Não Para (Sandra Werneck, Walter Carvalho – 2004); O Segredo de Brokeback Mountain (Brokeback Mountain, Ang Lee, 2005); Transamérica (Transamerica, EUA, 2005), Milk: A Voz da Igualdade (Milk, Gus Van Sant , EUA, 2008). Hoje eu não Quero Voltar Sozinho (BR, Daniel Ribeiro, 2010), Call Me by Your Name (Me Chame Pelo Seu Nome, ITA, Luca Guadagnino, 2017). O programa “Amor & Sexo”, se torna irreverente e visibiliza, sem rodeios, o universo LGBT. A dramaturgia gay “sai do armário” para assumir seu lugar na cena, em peças como: As sereias da Rive-Gauc, Vange Leonel; Violeta Vita, de Luiz Cabral; Esta noite ouvirei Chopin, Sergio Pires; Deus sabia de tudo e não fez nada e Agreste- Newton Moreno. No entanto, foi na série “Liberdade, Liberdade” (2016), que ocorre a primeira cena de uma relação homossexual, protagonizada por Caio Blat e Ricardo Pereira. No panorama musical a presença LGBT vai se destacar com Thiago Pethit, Liniker, Pablllo Vittar, Jaloo, entre outros. Cabe ressaltar que, começam a aparecer, no cenário nacional, uma hipótese de censura em relação às produções cinematográficas com temática LGBT+, como a ocorrida com o filme “Boy Erased – Uma Verdade Anulada” (EUA, 2018), que conta a história do filho de um pastor que foi submetido à suposta terapia de reversão (GENESTRETI, 2019).

Como professor em escola pública, meu interesse inicial era estudar as vivências de homossexuais adultos, em relação ao processo de vivência da homossexualidade durante o período escolar, visto que os/as agentes educativos silenciam frente à homofobia quando protagonizada por estudantes, suas vítimas receiam uma possível “dupla discriminação”, ou seja, serem hostilizados também pelos educadores/as.

No decorrer do programa e em conversas com minha orientadora ocorreram modificações no projeto de pesquisa, uma vez que comecei a observar, nas conversas com amigos homossexuais, como eles falavam das suas vivências sobre a saída do armário e, esse fato, me chamou atenção.

Propus, então, o estudo sobre a experiência de “sair do armário”, isto é, homens homossexuais , em entender, as circunstâncias e implicações do ato de

assumir-se homossexual e o caminho percorrido por atores que tornaram pública uma orientação sexual marcada por estigmas, preconceitos e violências.

No início desse processo queria abordar essa experiência em interações vividas na família, trabalho e entre amigos, mas em função do volume de dados e dos prazos a serem atendidos, acabei limitando o tema para abordar as interações vividas pela experiência de "sair do armário" e seus desdobramentos nas relações familiares, marcadas por conflitos e por tensões.

Iniciei minha pesquisa com o levantamento e análise de dados bibliográficos buscando compreender como a metáfora do armário se constituía e seu funcionamento enquanto significado na vivência homossexual.

O "sair do armário", segundo Sedgwick (2007), é um mecanismo existente desde fins do século XIX que busca controlar a sexualidade, ordenando e mantendo o binarismo hétero-homo, na sociedade ocidental. É estabelecido por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas instituídas rigidamente, induzindo a ideia da vida no espaço público quase como exclusiva de relações heterossexuais, restringindo ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo. Para Sedgwick (2007, p. 30),

ao final do século XIX, quando virou voz corrente – tão óbvio para a Rainha Vitória como para Freud – que conhecimento significa conhecimento sexual e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintamente constituída como segredo.

A minha percepção, após algumas leituras, foi de que o ato de "sair do armário" é, antes de tudo, uma trajetória que envolve uma série de negociações (intrapessoais e interpessoais) de ordens simbólicas e práticas, podendo ocorrer em diversas etapas e talvez nunca ser completamente concluído. Como argumenta Sedgwick (2007, p. 22), "mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas".

Na entrevista com os homossexuais privilegiei os atos que antecedem a saída do armário, no ambiente familiar, e as repercussões nos diversos cenários aí contidos, bem como as reações dos envolvidos nas interações.

Ainda é muito presente, no imaginário coletivo e também no meio acadêmico, a ideia de que a escolha de "sair do armário" é simplesmente uma proclamação pública da orientação sexual homossexual. Porém, reduzir o ato de "sair do armário" somente ao anúncio declaratório (ato de tornar pública a homossexualidade) pode comprometer a compreensão dos processos históricos em que esses indivíduos estão envolvidos. "Sair do armário" é entendido, nesta dissertação, como "o processo pelo qual o homossexual declara sua orientação sexual a outras pessoas, tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico" (NUNAN, 2007 p. 41).

Abordo a "saída do armário" não como uma ação desviante. Ao contrário, busca compreendê-la como uma construção contínua dentro de uma rede de interações sociais, que culmina no anúncio público propriamente dito, da orientação sexual homossexual.

A metodologia adotada na pesquisa privilegiou a obtenção de dados qualitativos, tendo a entrevista semiestruturada como instrumento único, juntamente com a bibliografia utilizada.

Segundo Richardson (1999), em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Para ele,

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. [...] É com base nessas concepções sobre personalidade que os dados qualitativos viabilizam uma análise global, relacionando o indivíduo com a sociedade (RICHARDSON, 1999, p. 80).

Por sua vez, de acordo com Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas e o informante tem a

possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Nelas, o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

Na pesquisa foram entrevistados 10 homossexuais assumidos, com idades entre 21 a 55 anos, residentes em Foz do Iguaçu, Paraná. As entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2018 e gravadas com autorização dos entrevistados. Os entrevistados foram informados de que os dados da pesquisa seriam divulgados sob pseudônimos.

A análise dos dados foi norteada pela perspectiva dramaturgica de Goffman (1985), que analisa as relações sociais a partir da metáfora teatral. Esse viés facilitou a análise dos dados sobre os enfrentamentos vivenciados pelos atores na trajetória de assumirem publicamente sua homossexualidade.

A motivação para a escolha do tema, além do fato de ser professor e compreender melhor essa experiência para meu trabalho cotidiano entre meus alunos, foi decorrente da minha orientação sexual. Sendo homossexual, optei por realizar esta pesquisa em razão de minha trajetória de vida e por entender a fundamental importância de se ampliar a discussão dessa temática na instância acadêmica.

Para contextualizar melhor as razões da escolha por este tema, realizo um breve relato dos enfrentamentos que vivenciei no percurso de minha sexualidade.

Nasci em 1969 e sou o filho caçula - quinto integrante - de uma família de retirantes nordestinos. Após morarmos em São Paulo por um tempo, nos fixamos na cidade de Vicentina, no Mato Grosso do Sul. Minha infância foi vivenciada com muita liberdade e brincadeiras, principalmente com as minhas irmãs.

Quando entrei na escola primária, fiz novas amizades, mas sempre preponderava a proximidade com as meninas e isso me fazia ser visto como "um pouco diferente" dos demais. Eu era, então, chamado de "viadinho", categoria muito usada naquela época para "designar" os homossexuais. Em muitos momentos eu revidava estas atitudes e isso ocasionava muitas brigas.

Com a chegada da adolescência, a descoberta da sexualidade trouxe à tona sensações inicialmente confusas e paradoxais. Foi um período em que eu experienciei várias relações, heterossexuais e homossexuais. No entanto, isso

gerava sentimentos como medo e angústia, justamente porque eu não conseguia entender o que estava acontecendo e apenas queria ser "normal" como os meus amigos. Ao término da oitava série decidi ingressar no seminário religioso no Estado do Paraná. Entretanto, percebi que o lugar onde, supostamente, eu poderia me sentir seguro não era tão seguro assim. Entre portas, corredores e capelas se mantinham, sob silêncio, "segredos" sobre relações homossexuais - vivenciadas também por mim - que, se descobertas, seriam motivos de expulsão imediata. Permaneci no seminário até os 18 anos.

Em 1989, na cidade de Palotina (PR) sofri a rejeição e o preconceito de forma bem mais grave e traumática. Voltando para casa depois de uma apresentação de dança folclórica fui cercado por quatro homens que me agrediram, me arrastaram por uma rua de paralelepípedos e só pararam por que fiquei preso a uma das pedras. Essas dores - físicas e emocionais - marcaram profundamente meu corpo e minha alma. Por não ser, ainda, um homossexual "assumido" e por medo da exposição pública, não fiz queixa junto à polícia. Naquele contexto, denunciar a agressão poderia "piorar" as coisas. Como morava sozinho e longe dos meus pais, recorri a alguns amigos que me ajudaram naquele momento tão difícil.

Aos 20 anos "saí do armário" e declarei a minha homossexualidade para minha família. Esse anúncio gerou tensão e dificuldades de aceitação, sobretudo pelos meus irmãos. Mas, com o passar do tempo, isso foi se ajustando e se resolvendo.

Mudei para Marechal Cândido Rondon (PR), em 1993, para trabalhar no Centro Cultural. Nesta cidade há um campus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e ali concluí meu ensino superior. Realizei, também, minha Especialização na área de Teatro na Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Neste período alguns amigos do meio teatral faleceram em virtude da AIDS. Foi uma época bastante difícil, pois, além do preconceito, havia muito medo e insegurança nos relacionamentos.

Em 2002 entrei para a docência, onde permaneço até hoje. A vivência nesse novo contexto não foi muito diferente das anteriores. Mesmo já tendo assumido minha homossexualidade e sendo já "oficialmente pertencente" a uma instituição de ensino, os preconceitos estavam presentes. Lembro-me da minha primeira entrevista, na qual perguntei qual era a "política" da instituição com

relação à orientação sexual dos professores. Eu quis deixar claro que, se minha homossexualidade fosse um fator de impedimento à contratação, que eles dissessem logo. Ficaram calados por um momento e responderam que não, que isso não era algo determinante. A minha sensação, nos primeiros dias, era que as minhas ações estavam sendo vigiadas, mas com o decorrer do tempo essa impressão foi se dissipando. Situação muito semelhante ocorreu quando passei a residir em Foz do Iguaçu, em 2006, e fui trabalhar numa instituição particular de Ensino Médio. A sensação de ter que estar o tempo todo provando a competência profissional gera, ainda hoje, muito desgaste emocional.

Vivo com meu atual companheiro há quatro anos e juntos estamos construindo, a cada dia, maneiras de lidar melhor e mais facilmente com os enfrentamentos presentes no cotidiano.

A passagem para a condição de homossexual assumido fez diferença em minha vida por me proporcionar maior "legitimidade" diante dos enfrentamentos sociais. Isso não significa que as angústias, medos e incômodos se dissiparam, mas eu os enfrento com mais propriedade e assertividade.

Foi esse longo processo de construção e "defesa" de minha orientação sexual que me instigou a pesquisar e compreender como outros homossexuais conduziram as suas trajetórias e realizaram seus posicionamentos. Considero fundamental abordar este tema no âmbito acadêmico e fortalecer a discussão pelo viés do legítimo direito de todos exercerem livremente suas escolhas e serem reconhecidos e respeitados em todas as dimensões sociais.

Sob essa perspectiva, minha dissertação pretende ter um alcance não só analítico, mas também profissional e político. Contudo, mesmo considerando o distanciamento necessário para pesquisar um tema inseparável da minha vida pessoal, é importante lembrar as dificuldades inerentes à intensa familiaridade com a experiência de homossexuais.

Para atender ao objetivo proposto, a apresentação da dissertação está desenvolvida da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresento uma breve revisão bibliográfica relativa à temática da saída do armário. Apresento as bases teóricas que vão nortear a pesquisa apresentando os dispositivos do armário e suas construções enquanto representação das vivências homossexuais e a metodologia de análise na qual utilizo a perspectiva dramaturgicista de Goffman (1985) para analisar as interações

sociais, enfocando os entrevistados, suas interações com familiares e as situações experimentadas com as metáforas do teatro, como atores, bastidores e o palco com seus distintos cenários.

No segundo capítulo apresento o processo metodológico realizado e a apresentação breve da trajetória e vivências dos entrevistados que fizeram parte da pesquisa.

No terceiro capítulo analiso como ocorreram as ações de percepção da homossexualidade, os medos, insegurança e angústias que antecederam o ato da saída do armário dos respectivos entrevistados.

Descrevo, no quarto capítulo, a ação da saída do armário no cenário familiar, quais foram as formas utilizadas para o ato de falar sobre a orientação homossexual, as situações preparadas, ou não, por terceiros, e as diversas reações causadas nas respectivas interações.

E, por fim, apresento a conclusão e as referências lidas e citadas no corpo da pesquisa.

1 O “ARMÁRIO”, UM OBJETO DE PESQUISA

1.1 ABRINDO AS PORTAS DO “ARMÁRIO” ATRAVÉS DA LITERATURA

Buscando aprofundar os estudos sobre o processo de "sair do armário", categoria que identifica assumir publicamente a homossexualidade, fez-se necessário conhecer o que já havia sido produzido anteriormente sobre o assunto, mesmo que de forma limitada, para perceber como o estudo sobre o "armário homossexual" foi se constituindo e se consolidando nos contextos sociais, históricos e culturais.

Levando em consideração a quantidade de publicações sobre o assunto e suas diversas especificidades, a seleção bibliográfica se limitou aos estudos que estivessem relacionados sobre o processo de "saída do armário" enquanto mecanismo de publicizar a orientação sexual.

Em 1990, Eve Kosofsky Sedgwick, pesquisadora norte-americana, proveniente da crítica literária e pesquisadora dos Estudos Culturais publica *Epistemologia do Armário* que, no Brasil, foi editada numa versão condensada em 2007, traduzida por Plínio Dentzien para o Cadernos Pagu. Nesse trabalho, Sedgwick vai unir a teoria feminista, os antigos estudos gays e lésbicos e incorporar as reflexões foucaultianas, inaugurando assim uma metodologia própria. Sedgwick afirma ser necessário ter em mente que o armário não é um objeto de reflexão apenas sobre aqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. É também o meio de regulação que garante privilégios àqueles que se relacionam com indivíduos do sexo oposto e mantém a ordem heterossexista com suas instituições (como o casamento e a família tradicionais) e seus valores (como a assimetria entre os gêneros). Em suma, o armário não diz respeito apenas àqueles que vivem suas vidas amorosas em segredo, mas também àqueles que usufruem do privilégio de vivê-las abertamente. Em suma, analisa a sexualidade como um dispositivo histórico do poder fundado em formas de regulação da vida social e individual.

Na obra *Reflexões sobre a questão gay*, publicada em 2008, Didier Eribon apresenta os acontecimentos da homossexualidade no mundo não de forma cronológica, mas como decorrentes das historicidades e discursividades sobre a questão, ou seja, a partir do momento em que se falava sobre o assunto.

Apontando que em pleno século XXI a questão gay estaria em construção, o autor apresenta discussões sobre as possibilidades da homossexualidade em uma cultura diversificada, as diversas maneiras de se assumir e viver a homossexualidade.

Em suas reflexões, Eribon (2008) procura entender como um lugar inferiorizado é atribuído aos homossexuais na sociedade e como a subjetividade homossexual vai sendo demarcada. Ele aborda a problemática da injúria, descrita por ele como “agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo” (ERIBON, 2008, p. 27). A subjetividade homossexual, para o autor, é um conjunto de mecanismos produtores de modos de vida e espaços de liberdade. Ela é apresentada por Eribon como sendo “a possibilidade de recriar a identidade pessoal a partir da identidade atribuída” (ERIBON, 2008, p. 18). Ou seja, o ato pelo qual se reinventa a identidade sempre dependerá da conformidade imposta com a ordem social imposta.

Eribon (2008) destaca a construção da “fala gay” mediante a produção literária de Wilde e Gide, num período em que falar das relações entre pessoas do mesmo sexo era algo velado, como uma forma de conferir uma legitimidade ao que era considerado proibido. Eribon destaca como o processo criminal de Oscar Wilde vai repercutir no cenário da homossexualidade. Wilde é uma referência emblemática, pois enfrentou a sociedade vitoriana com sua exposição homossexual e foi um marco na discussão da homossexualidade na esfera pública. Isso repercutirá inclusive na construção da criminalização da homossexualidade. E, por fim, Eribon faz um apanhado das fases arqueológica e genealógica e da ética e estética da existência pelas quais passou o pensamento foucaultiano. Eribon (2008) realiza, assim, uma reflexão sobre como as contribuições de Foucault influenciaram no que hoje é conhecido como “cultura gay”.

Em 2009, o artigo *O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet*, de Richard Miskolci, por meio de uma pesquisa etnográfica, esboça reflexões sobre a constituição de relações entre homens por meio da internet com o uso das principais plataformas de comunicação no presente: bate-papos, sítios de relacionamento e anúncios de procura de parceiros amorosos como mecanismos de criação de contatos pessoais face a

face, os quais se constituem pelas possibilidades de acesso individualizado e secreto. Diante desses novos mecanismos, a noção de “meio gay”, segundo o autor, é ressignificada nas interações on-line, possibilitando aos indivíduos “no armário” um cenário distinto. Eles podem estabelecer contato sem exposição, e por isso essa ferramenta ocupa um papel central na vida de boa parte deles, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar “desconectados”. Miskolci (2009) busca compreender alguns dos dilemas e das promessas da rede na criação de relações de amizade, amorosas e sexuais impensáveis para gerações anteriores.

Em 2014, Murilo Mota publica um trabalho resultante de sua tese de doutorado intitulada *Homossexualidade Masculina e a Experiência de Envelhecer*, em que apresenta reflexões sobre experiências de homens gays, de camadas sociais médias, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Mota (2014) entrelaça o tema do envelhecimento com as questões da homossexualidade masculina ao apresentar os lugares ocupados por homens homossexuais com mais de 60 anos no âmbito de seu espaço social. As narrativas dos entrevistados, nessa pesquisa, trazem à tona o olhar que homens dessa faixa etária constrói sobre si e sobre os que os olham. Mota (2014) retrata uma geração em que a homossexualidade era vista como patológica e desviante e, ao mesmo tempo, uma geração que realizou movimentos em prol da diversidade, do reconhecimento e da luta pelo direito à diferença. Uma geração que lutou por um cenário para além da norma pautada na heteronormatividade. O autor realiza uma análise sobre os que lutaram para “sair do armário” e assumir sua identidade homossexual e, nessa trajetória se perceberam “velhos”. Essa luta, no entanto, não era, nem de longe, um ato político - um levante de bandeira - mas um percurso emocional caracterizado pela dor, renúncias e separações. No entanto, ao mesmo tempo, esses homens presenciaram como se deu a passagem do processo de sobrevivência para um processo político.

Fernando Seffner e Gustavo Duarte (2015), no artigo *E quando não há muito mais para guardar no armário?* apresentam o resultado de uma pesquisa em que acompanharam encontros regulares de um grupo de homens gays idosos, na cidade de Porto Alegre. Os autores relatam as trocas de experiências realizadas pelo grupo acerca de seu envelhecimento, explorando tanto a trajetória do grupo quanto o percurso individual dos integrantes. Os autores

constataram que as definições de juventude e de velhice se mostram intrinsecamente conectadas, e é recorrente o jogo de múltiplas ressignificações nos movimentos de permanecer no armário e de sair do armário.

Sob uma outra perspectiva, Domingos (2015), em *Do armário ao altar: a constituição homoafetivo no discurso midiático*, investiga a discursivização do indivíduo homossexual na mídia. O autor demonstra como, na atualidade, as relações homossexuais são problematizadas no discurso midiático dentro de uma relação com o Direito Civil. Apresenta o trabalho discursivo da mídia que deslocou, nos últimos anos, o lugar enunciativo do homossexual de uma afirmação da diferença sexual para o de reconhecimento da igualdade de direito civil. O estudo evidencia tanto as relações que se estabeleceu com saberes e poderes, para se constituir como objeto de um discurso e de sua própria ação, quanto as estratégias e as táticas que, nas enunciações da mídia, organizam os sentidos e as verdades sobre o sujeito e a homoafetividade. Fica clara a trajetória de como a mídia se inseriu historicamente no fio histórico-discursivo que conduziu o homossexual até o presente. Domingos (2015) descreve, ainda, a relação de contiguidade entre o discurso sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo e o acontecimento do *coming out* enquanto condição histórica para o limiar dos discursos que falam de homoafetividade e casamento em nosso presente. Ao apresentar a mídia como elemento que (re)produz uma realidade e (re)constrói um modo de dizer essa realidade, por meio dos enunciados, Domingos mostra que as revistas funcionam como elementos mantenedores do dispositivo da sexualidade, em que as práticas discursivas vão ocupar um lugar de verdades sobre o homoafetivo enquanto indivíduos histórico. O “sair do armário” vai se caracterizar, então, como uma prática discursiva que liga sujeito, sexualidade e verdade. O autor conclui que, primeiramente, a questão da saída do armário vai sustentar uma discursividade em torno do ser gay pautada na liberdade de expressão da sexualidade; em seguida, o discurso do armário é enfatizado pela ideia de diversidade sexual. E, atualmente, a este discurso da liberdade e da diversidade acerca da homossexualidade coaduna-se outra prática discursiva, esta sustentada em saberes relativos à igualdade de direitos e cidadania.

Braga *et al.* (2016), em *O armário e sua (in)visibilidade*, apresentam, a partir da narrativa de adolescentes e jovens homossexuais, os significados que

estes atribuem a experiências de violência vividas por eles. Os autores constatarem que a ‘saída do armário’ ainda se constitui como fator de rejeição e violência dentro do contexto familiar, que reprime e/ou vela a expressão das vivências homoeróticas dos adolescentes e jovens. Essa ação ocorre em virtude do dualismo hétero/homo, que ainda prioriza a heterossexualidade por meio de um dispositivo social normativo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória.

Por um outro viés, o estudo de Silva e Barbosa (2016) no artigo *Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa*, explora as dificuldades vivenciadas por indivíduos que “estão no armário” e também pelos que fizeram a opção de sair dele, quando existe nessa trajetória a interferência do elemento religiosidade. Os autores descrevem como a sociedade brasileira se desenvolveu sob concepções morais e religiosas que estabeleceram preceitos e normas de “certo/errado”, e como a sexualidade humana sofreu os reflexos dos dogmas religiosos, sobretudo o da procriação, responsável pela heteronormatividade compulsória. Os indivíduos que se desviam da norma imposta são considerados pecadores, passíveis de salvação. O mecanismo para contornar essa perseguição, apontam os autores, é a invisibilização de sua sexualidade desviante, protegida pelo “armário”. Eles constatarem uma influência religiosa determinista nos conceitos de normalidade relativos à sexualidade humana, que padronizam e excluem indivíduos, negando assim diversos direitos individuais como educação, trabalho e convívio familiar.

Em sua tese de doutorado, *Negociações com o armário: homossexualidade e estigmas em narrativas de história de vida*, Cristóvão (2016) analisa a homossexualidade como um estigma social. Diferentemente dos estudos clássicos sobre estigma - que se debruçam sobre encontros mistos, aqueles travados entre “normais” e “estigmatizados” – a pesquisa do autor aborda a materialidade discursiva de encontros “entre iguais”, uma vez que pesquisador e participantes constroem-se como indivíduos homossexuais. Assumidamente um empreendimento de caráter político, a tese pretende não somente oferecer contribuições à área dos estudos sociais sobre a homossexualidade, mas também potencializar vozes dissidentes no âmbito acadêmico.

1.2 O ARMÁRIO DE PORTAS FECHADAS: UM DISPOSITIVO DE CONTROLE

Para se discutir sobre o “sair do armário”, enquanto ato de declarar publicamente a homossexualidade, faz-se necessário compreender a discussão sobre o dispositivo da sexualidade, apresentado por Foucault. Ele o define dispositivo de sexualidade como um conjunto de mecanismos práticos que buscam normatizar, regular, controlar e estabelecer, a respeito do corpo e seus prazeres, por meio do discurso e do não discurso, saberes e poderes ditos como “verdades”, como meio de cercear as relações. O dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1996, p. 244), ou seja, em determinado momento histórico, a partir de contextos específicos, aparecem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais, políticas ou morais. Madlener (2007) acrescenta que “este dispositivo, com suas verdades e valores morais, dita aquilo que deve ser praticado e interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e ao corpo” (MADLENER, 2007, p. 50).

A própria definição de homossexualidade é, em si, um dispositivo da sexualidade. Segundo Nunan (2007), a homossexualidade, inicialmente, foi definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico, que se manifestava pelo funcionamento feminino do homem.

Conforme Foucault (1988),

o homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. [...] Agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1988, p. 43-44).

Considerado como uma espécie, o homossexual torna-se um objeto a ser rigorosamente estudado pela ciência; ele passa a ser visto como uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade (Foucault, 1988).

Para Nunan, estudar o homossexual “junto com suas ‘patologias instintuais’ torna-se indispensável a partir do momento em que o sexo, sua norma e seus desvios se transformam em elementos política e socialmente relevantes” (NUNAN, 2003, p. 23-24).

O homossexual, ao tornar-se objeto de estudo e políticas públicas, inaugura o “armário” como um lócus de atenção, enquanto uma forma de regulação da vida social de pessoas não-heterossexuais que temem as consequências nas esferas familiar e pública. A partir do momento em que a homossexualidade é construída e perseguida no contexto cultural e histórico, tende a inserir os atores que nutrem interesses pelo mesmo sexo ao espaço privado. Como afirma Miskolci (2009, p. 172),” o *closet* não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade individual”.

A presença do “armário” era sinônimo de segurança e preservação individual, uma vez que o ato de declarar e assumir a homossexualidade era considerado crime, sujeito à prisão e condenação. O armário era a única forma de manter a relação considerada ilícita. Nas palavras de Eribom (2008, p. 67), o “armário” correspondia a um “lugar da resistência à opressão, uma maneira de viver a homossexualidade em épocas ou lugares em que não era possível vivê-la ao ar livre”.

O ato de viver explicitamente, ou fora do armário, gera o medo e uma insegurança constante. Para Foucault (1988), três grandes códigos explícitos reagiram às práticas sexuais:

[...] o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. [...] Além disso, esses diferentes códigos não faziam distinção nítida entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. [...] Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil, como na ordem religiosa, o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o “contra - a - natureza” era marcado por uma abominação particular (FOUCAULT, 1988, p. 38-39).

Regido por estes três grandes códigos, o indivíduo homossexual relega sua orientação sexual aos espaços particulares, uma vez que, na esfera pública, ele se vê obrigado a utilizar a fachada da heterossexualidade como forma de acobertar sua homossexualidade.

Esta fachada heteronormativa é apenas uma consequência da pressão realizada por um mundo que reduz, a todo momento, o homossexual à esfera do privado. Aliás, é uma característica da heterossexualidade ser fundadora do que é chamado de espaço público (ERIBON, 2008).

Por conta do jogo de amarras e pressões que influencia este universo, o homossexual conduz sua vida de modo a separá-la em duas, dissociadas e opostas, como em duas personagens diferentes, duas histórias diferentes - a declarada e a oculta, cultivada no convívio social (ERIBON, 2008; GOFFMAN, 1985). A saída do armário, nesse sentido, funciona como uma estratégia de desconstrução da não existência do ator homossexual e de visibilização desse personagem até então silenciado.

1.3 SOMENTE DOIS CABIDES?

Para entender o ato de “sair do armário” torna-se necessária a compreensão de conceitos associados com o próprio conceito de homossexualidade. A saber: sexualidade, sexo, gênero, heteronormatividade, heterossexualidade compulsória e heterossexismo.

Conforme Oliveira (2015), o conceito de sexualidade foi construído, nas sociedades ocidentais, por mecanismos estratégicos como a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. “Isso permite dizer que tudo o que se entende por sexo é, então, produto de saber-poder sobre tal” (OLIVEIRA, 2015, p.104).

Segundo Foucault (1988), a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Segundo Dinis (2013, p. 126):

Sexo, gênero e sexualidade são coisas diferentes. Uma das formas de entendermos esses conceitos é pensar que sexo não é o mesmo que ser masculino ou feminino, nem determina as práticas sexuais de uma pessoa, apenas remete às representações que construímos sobre as características anatômico-fisiológicas que definem o fato de uma pessoa ser considerada macho ou fêmea na espécie humana.

Ou seja, se nos referirmos à espécie humana a partir da consideração de sua anatomia fisiológica sexual, a pessoa seria então “fêmea” ou “macho”: isto é o sexo. No entanto, se forem atribuídos os termos “masculino” ou “feminino”, estaríamos nos remetendo à ideia de gênero e, nesse caso, temos uma construção social, ou seja, “masculino” e “feminino” não são nomeações decorrentes de nossa estrutura biológica. A sexualidade, por sua vez, são as diferentes formas culturais de experimentar prazeres e desejos na relação com o próprio corpo e/ou com o corpo da outra pessoa. Entre os diversos aspectos da sexualidade, pode, por exemplo, estar implicada a orientação sexual², entendida como uma atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra, seja da homossexualidade, da heterossexualidade, da bissexualidade, etc. No entanto, embora esta seja uma forma binarista e diferente de entendermos a relação entre os três termos: Sexo (macho/fêmea) = Gênero (masculino/ feminino) = Sexualidade (heterossexualidade/homossexualidade), ela também é uma forma incompleta e redutiva (DINIS, 2013).

Butler (2015), em relação ao pensamento binarista, discorre:

Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse ‘sexo’ exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o ‘sexo’ torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em lugar pré-linguístico ao qual não existe nenhum acesso direto (BUTLER, 2015, p. 158).

² A orientação sexual existe num continuum que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade (BRASIL, 2004, p. 29).

Desta forma, Butler (2015) questiona a ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. Ou seja, contrapondo-se a ideias como as expressas a partir de Dinis (2013) a autora em questão nega a premissa que dá origem à distinção sexo/gênero (sexo é natural e gênero é construído).

Neste contexto, Butler (2015) destaca que:

o 'sexo' não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o 'sexo' é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o 'sexo' é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o 'sexo' e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas (BUTLER, 2015, p. 153-154).

Assim, Butler (2011) considera que o gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação do qual provém vários atos; é antes uma identidade tenuemente construída no tempo - uma identidade instituída através de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero é instituído pela estilização do corpo e, por isso, deve ser compreendido como “o modo mundano como os gestos corporais, os movimentos e as encenações de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente definido pelo gênero (BUTLER, 2011, p. 70).

Desse modo, a identidade de gênero é constituída por meio da repetição estilizada de atos performativos. O gênero se formata pela estilização do corpo, ou seja, por uma teatralização, mediante os gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, provocando a sensação de um gênero estabelecido e em constante transformação. Por esse entendimento, a cultura impõe práticas entendidas como femininas ou masculinas, que se chama “performatividade” (BUTLER, 2013). Portanto, dizer que o gênero é performativo significa dizer que gênero não é algo que se é, mas que continuamente se faz, mediante repetições de normas e ações regulatórias que se cristalizam. “Essa repetição é, a um só

tempo, reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação" (BUTLER, 2013, p. 200).

Para Salih (2015), a afirmativa de Butler de que a construção do sujeito é um processo sob contínua influência do meio, incumbido de direcionar o indivíduo às normas de gênero e heterossexualidade antecedentes:

[...] o gênero se "cristaliza" ou se solidifica numa forma que faz com que ele pareça ter estado lá o tempo todo. [...] O que Butler quer dizer é que "o gênero é um ato ou uma sequência de atos que está sempre inevitavelmente ocorrendo, já que é impossível alguém existir como um agente social fora dos termos do gênero" (SALIH, 2015, p. 67-68).

A imitação persistente de práticas encaradas como masculinas ou femininas é caracterizada, segundo Reis (2013),

pela reprodução reiterada de modos de agir, que constroem a mulher a se comportar de modo feminino e o homem a se comportar de modo masculino, excluindo, conseqüentemente, os homossexuais, os transexuais e os hermafroditas por estarem fora do padrão ideal imposto pelas relações sociais de poder (REIS, 2013, p. 88).

Em relação às performances dos papéis culturais impostos aos gêneros feminino e masculino, por meio de corpos "masculinos" e "femininos", o corpo definido pelo gênero sempre representa o seu papel num espaço corporal restrito culturalmente e encena interpretações dentro dos limites das diretivas já existentes. Butler (2011) demonstra essa assertiva utilizando o teatro como meio de distinção:

[...] parece óbvio que embora as performances teatrais possam ser alvo de censura política ou de crítica sarcástica, as performances de gênero em contextos não-teatrais são governadas por convenções sociais mais nitidamente punitivas e reguladoras. De fato, ver um travesti num palco pode provocar prazer e aplausos, enquanto ver o mesmo travesti sentado ao nosso lado num autocarro pode levar ao medo, à raiva, ou mesmo à violência (BUTLER, 2011, p. 81).

De acordo com Reis (2013), o que as regras de identidade de gênero nos ensinam é o modo de utilizar a lei essencial que classifica os sujeitos: é de um sexo que decorre um gênero. “Butler parece dizer que ser de um gênero é inevitavelmente “teatralizar” a ideia original desse gênero, as “falas”, os papéis, enfim, a representação que esse gênero estabelece” (REIS, 2013, p. 89).

A correspondência entre natureza e cultura, que disciplina o binarismo heterossexual, somada à ideia de Foucault acerca da regra disciplinar, que impõe aos sujeitos uma regra de sexualidade a ser seguida, Butler (2015) convencionou chamar de heteronormatividade, ou seja, a lei de heterossexualidade imposta socialmente pelo poder, denominada também pelo autor como heterossexualidade compulsória.

Segundo Miskolci (2016), heteronormatividade, heterossexualidade compulsória e heterossexismo são três conceitos diferentes e importantes que auxiliam a compreender a hegemonia cultural hétero em diferentes dimensões:

a heteronormatividade é a ordem sexual do presente fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio da violência simbólica e física dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero (MISKOLCI, 2016, p. 46).

Por esses fatores, a heteronormatividade afeta profundamente a trajetória de “sair do armário” do indivíduo homossexual, uma vez que a homossexualidade é, em si, uma ruptura com as normas de gênero. Já a heterossexualidade compulsória,

é a imposição deste modelo de relação amorosa ou sexual entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa frequentemente de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar. Mas também midiática, através da veiculação apenas de imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade casais formados por dois homens ou duas mulheres (MISKOLCI, 2016, p. 46).

Nesta condição de invisibilidade, estes casais têm dificuldade para conquistar direitos básicos ou usufruir de espaços sociais e esta dificuldade

aumenta com o heterossexismo que “é a pressuposição de que todos são ou deveriam ser heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos, que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher” (MISKOLCI, 2016, p. 46).

Fato é que o enfrentamento em relação às construções que envolvem as identidades de gêneros e as cristalizações dos papéis masculinos e femininos fez com que os homossexuais construíssem estratégias que possibilitassem a vivência de seus desejos, estratégias essas que foram se modificando de acordo com os contextos sociais, históricos e culturais.

1.4 DO “SAIR” PARA A “SAÍDA DO ARMÁRIO”: UMA TRAJETÓRIA

A terminologia “sair do armário” define o ato simbólico e performático em que os atores declaram sua homossexualidade. Esse processo foi se reconfigurando conforme os contextos sociais, históricos e culturais. A passagem de “sair” para “sair de onde”, enquanto construção, será brevemente contextualizada a seguir.

O “armário” é a mais conhecida metáfora dos problemas subjetivos, sociais e políticos da homossexualidade enquanto categoria de identidade e de discriminação:

“Estar no armário” significa não ter assumido perante os outros a sua orientação sexual. “Sair do armário” significa fazê-lo e assim estabelecer um ritual performativo que simultaneamente reinstalou o sujeito enquanto homossexual e obriga o entorno social a reconhecer a existência de (mais) um ou uma homossexual (ALMEIDA, 2007, p. 14).

Cabe ressaltar que a expressão “sair do armário” foi se modificando conforme os enfrentamentos e construções resultantes das tensões entre o público - espaço destinado aos heterossexuais - e o privado – espaço destinado aos homossexuais. Dessa forma, tornou-se uma terminologia que foi se cristalizando e se tornando símbolo da emancipação de uma opressão

individualizada. “Sair do armário”, tornou-se, ao mesmo tempo, um rito de passagem e um ato político” (BOZON, 2004, p. 54).

O termo inglês *closet* vem do latim ‘*clausum*’, participio presente do verbo ‘*claudere*’, cujo significado é “fechar”. Possui, ainda, outros significados, como um lugar discreto ou privado onde ocorriam acordos secretos ou um local para guardar objetos de valor. O termo, portanto, “representa o particular em oposição ao coletivo; o escondido em oposição ao que está descoberto; o pessoal em oposição ao social” (SANTOS, 2008, p. 41). Por sua vez, a expressão “sair do armário” resulta do inglês “*to come of the closet*”. Há uma expressão, semelhante, popular na língua inglesa: “*a skeleton in the closet*”, cuja tradução literal seria “um esqueleto no guarda-roupa”, mas que é usada em referência a alguém que esconde um segredo que, se descoberto, pode causar humilhação e vergonha. Um esqueleto no closet, segundo documentos, foi registrado por volta de 1800, como expressão idiomática. Portanto, temos evidências linguísticas de que a expressão “sair do armário” (*to come of the closet*) foi derivada ou criada a partir de “tirar os esqueletos do armário” (*a skeleton in the closet*) (PEREIRA, 2012, p. 70).

Nos anos que antecedem a II Guerra Mundial a expressão “sair para fora” (*coming out*) ainda não era utilizada com o sentido de “armário”. O termo servia, então, para descrever a situação de sair para o que era conhecido como sociedade homossexual ou o mundo gay” (DRESCHER, 2014, p. 22).

Segundo Bozon (2004, p. 54):

[...] antes da II Guerra Mundial - havia um cenário homossexual bem vivo, organizado em torno dos lugares de encontro e associações, apesar das dificuldades. Já havia uma sociabilidade e um estilo de vida homossexuais, fundamentados em uma grande capacidade de adaptação para manter uma vida dupla.

Nas décadas posteriores, cinquenta e sessenta, foram de regressão e invisibilidade. Em quase todos os países ocidentais, a homossexualidade foi submetida a uma “clandestinidade”. A repressão se tornara muito mais intensa que nos anos de antes da guerra” (ERIBON, 2008, p. 36).

O “termo “sair do armário” apareceu na metade dos anos 50, primeiramente como uma gíria pertencente aos guetos frequentados por gays e travestis e aos poucos foi se popularizando” (PEREIRA, 2012, p. 69). Para Drescher (2014), a maioria das expressões da terminologia gay como “sair do armário”, era pertencente ao vocabulário da cultura feminina. O termo era utilizado, por exemplo, para se referir ao ritual da debutante: ela era formalmente convidada a “sair do armário” e ingressar na sociedade de seus pares.

Porém, mesmo com todo o processo de cerceamento em relação aos homossexuais, nos anos cinquenta, a sexóloga norte-americana Evelyn Hooker introduziu o uso do termo “sair do armário” na comunidade acadêmica, “como forma de luta política pela conquista de direitos civis, conquistas de espaços e construção da autoestima do segmento LGBT” (ANTUNES, 2016, p. 144).

O episódio de *Stonewall*³, ocorrido na madrugada de 28 de junho de 1969, famoso point gay da Rua Christopher, em Nova York, vai ser determinante na ampliação do conceito “sair do armário”. O que antes se referia à entrada para um novo mundo de esperança e solidariedade comunitária, “passou a significar a saída da opressão, solidão, autorrejeição e isolamento que o armário proporcionava” (ANTUNES, 2016, p. 144).

Após esse episódio, a percepção passa a ser a da existência de um “armário” frequentado por muitos homossexuais e, ao mesmo tempo, da necessidade de sair dele (*coming out*) como a única forma de legitimar as demandas por direitos e reconhecimento público.

O ato de perceber-se “diferente”, e “sair do armário” estava permeado por diversos embates e implicações sociais. No contexto pré-Stonewall, a clandestinidade era a forma que os “diferentes” possuíam de manter suas interações, o que já era considerado um “privilégio”, pois, numa época em que vivenciar a homossexualidade na esfera pública era impensável, “os pequenos ‘guetos’ que havia nas cidades proporcionavam a seus frequentadores um ambiente de resistência à opressão” (SAGGESE, 2009, p. 32-33).

³ O episódio de *Stonewall* foi a reação dos frequentadores contra a ação efetuada pelos policiais. O motivo alegado era o descumprimento de regras para a venda de bebidas alcoólicas. O local tornou-se um verdadeiro campo de batalha – de um lado, homossexuais, intelectuais e artistas simpatizantes e, de outro, a polícia. Os frequentadores do local insurgiram-se, e foi deflagrada uma batalha que durou cinco dias.

O *coming out* passa, então, a ser concebido não somente como uma afirmação individual da identidade homossexual, mas também uma forma de participação em um movimento social “que possibilita a um grande número fazer essa identificação de modo positivo” (POLLAK, 1990, p. 72).

Na década de setenta inicia-se o fervor das grandes reivindicações sociais e políticas e, nesse cenário, falar de homossexualidade era a palavra de ordem. Houve, a partir de então, uma inversão: ser homossexual deixou de ser vergonhoso ou doentio e passou a significar uma condição de orgulho (Conde, 2004, p. 35-36).

Os anos oitenta, por um lado, segundo Miskolci (2016), proporcionaram o estudo e o surgimento de novas leituras sobre a forma de ver a homossexualidade, influenciadas pela disseminação e a incorporação das obras de Foucault (1976), que começava a modificar a luta política e a apontar como a cultura constrói os sujeitos. Por outro lado, a década de 80 foi marcada por ações de entradas e saídas do armário, em virtude do surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) que, inicialmente, foi atrelada ao homossexual, não importando se o ator se encontrava “fora” ou “dentro” do armário. “Sair do armário” implicava, “então, não só na possibilidade de rejeição por conta da orientação sexual, mas também a suspeita de ser portador de um vírus fatal e transmissível por vias ainda não totalmente esclarecidas” (SAGGESE, 2009, p. 72-73). Para muitos, não era apenas soropositividade ou AIDS que eram difíceis de “dizer”, mas também, a homossexualidade, “embora a vergonha de ser homossexual fosse reforçada pela vergonha de ser doente e doente de uma doença que reforçava a vergonha de ser homossexual” (ERIBON, 2008, p. 58).

Com a AIDS, a discussão sobre a sexualidade desviante tornou-se tema de todos os segmentos sociais. Entretanto, os discursos, ao mesmo tempo em que discorriam sobre a doença, disseminavam um discurso de ódio, discriminação e preconceito sobre os homossexuais⁴. Paradoxalmente, a AIDS se torna uma forma de estigmatização dos homossexuais mas também gera uma maior visibilidade da identidade homossexual. Ou seja, de um lado,

⁴ Os jornais acusavam de ser o câncer gay, a peste gay. Os hospitais recusavam-se a aceitar internações e queimavam até mesmo os sofás em que os gays haviam se sentado. Os religiosos clamavam que a AIDS era um castigo divino (ANDRADE, 2002, p. 42).

homossexuais masculinos foram, quase que imediatamente, usados como bodes expiatórios causando, a princípio, um retraimento social. Por outro lado, a epidemia provocou, também, uma espécie de “visibilidade-rebote”, pois os movimentos homossexuais, “muitas vezes respaldados por ONGs, passaram a cobrar atitudes do Estado para que a doença fosse desmistificada e para que políticas públicas de prevenção e combate fossem implantadas” (SAGGESE, 2009 p. 3-4).

Nos anos 90, em razão da grande visibilidade ocorrida em virtude da AIDS e da necessidade de representação, fortaleceram-se as organizações das lésbicas, travestis e transexuais. A visibilidade fora do armário toma um novo rumo, em busca por direitos e representações políticas para tratar de questões como violência e discriminação religiosa.

Nos anos dois mil, as teorias que começaram a aparecer no final dos anos oitenta - Butler (1990), Sedgwick (1991), Eribon (1999), entre outros - ganharam destaque em pesquisas sobre gênero e sexualidade realizadas nos centros universitários. O que era, antes, apenas visto como ato regulatório e político, passa a ser uma análise sobre os atores e os mecanismos que eles constroem. Segundo Facchini (2011), as reflexões foram possíveis em virtude do aumento da visibilidade social que ocorreu em relação à homossexualidade, basicamente, pelo debate público em torno de candidaturas e projetos de lei; pela adoção da estratégia da visibilidade massiva, pela incorporação do tema de um modo mais "positivo" pela grande mídia, seja pela inserção de personagens em novelas ou de matérias em jornais ou revistas que os incorporaram como sujeitos de direitos.

A visibilidade alcançada pelos atores homossexuais provocou reações por parte de organizações tradicionais, igrejas, partidos políticos e organizações populares, que acirraram discursos inflamados e atos públicos como forma de repúdio às conquistas alcançadas por meio das mobilizações dos representantes dos movimentos homossexuais LGBT.

1.5 PERSONAGENS, BASTIDORES E PALCOS: INTERAÇÕES NORTEADAS POR UMA METÁFORA TEATRAL

Para a análise da trajetória percorrida por homens homossexuais para tornarem pública sua homossexualidade, optou-se por pautar este estudo na teoria de Erving Goffman (1985), que analisa as interações sociais a partir da metáfora teatral. Esse modelo de análise permite a compreensão das interações cotidianas entre os indivíduos, suas regularidades e regras.

Desta forma, partir da perspectiva dramaturgic goffmaniana, implica três elementos pertencentes à linguagem teatral a serem destacados. Os atores, que ao interpretarem um “eu”, buscam angariar algumas impressões dos demais; os bastidores, ou seja, o espaço privado e distante da plateia, onde se constitui toda ação a ser realizada; e o palco, espaço em que se encenam as diversas realidades e interações.

Segundo Goffman (1985), toda situação de interação pode ser explicada através da metáfora teatral e, conseqüentemente, os elementos teatrais podem ser empregados enquanto conceitos de interação social, levando em consideração

a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo, e as suas atividades a outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e sobre as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante dela (GOFFMAN, 1985, p. 5).

As interações sociais variam de situação para situação e ocorrem nos mais diversos cenários. Por isso Goffman (1985), sob a influência thomassiana, define situação como o processo pelo qual os indivíduos atribuem sentido a um determinado contexto, como forma de discutir sobre a dinâmica da vida social. Ou seja, a situação é um mecanismo que permite aos atores entenderem o que está acontecendo em uma determinada conjuntura e se alinhar adequadamente às diferentes situações. Portanto, na interação, a definição de situação que os indivíduos formulam é o que lhes permite elaborar estratégias de ação tendo em vista a definição de situação formulada pelo outro. Eles levam em consideração que uma definição de situação errônea pode causar constrangimento e conflitos levando ao rompimento da expectativa inerente à reciprocidade e, logo, à interação (GOFFMAN, 1985). A situação é, portanto, gerada a partir da

expectativa do comportamento do outro, na medida em que os indivíduos, em um determinado grau, sabem o que esperar uns dos outros.

Quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente, ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas desse tipo têm o direito de esperar. Implicitamente também renuncia a toda a pretensão de ser o que não aparenta ser, e portanto abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem, então, que indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles devem entender por “é” (GOFFMAN, 1985, p. 21).

Porém, mesmo com uma definição de situação estabelecida, a interação é uma ação contínua que vai se modificando, ou seja, é impossível prever as possíveis alterações nos padrões estabelecidos inicialmente:

Quando estes fatos perturbadores ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa. Algumas das suposições sobre as quais se baseavam as reações dos participantes tornam-se insustentáveis e os participantes se descobrem envolvidos numa interação para a qual a situação havia sido erroneamente definida e agora não está mais definida (GOFFMAN, 1985, p. 21).

Esse contexto possibilita a compreensão de como ocorrem as interações dos atores que ocultam sua homossexualidade e se apresentam diante das interações sociais buscando controlar sua representação, pois sabem que a trajetória de “sair do armário” opera mudanças nas interações consideradas estabelecidas como família, amigos, etc.

A interação, de acordo com Goffman (1985) pode ser definida,

Como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda a interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros (GOFFMAN, 1985, p. 23).

O processo da interação implica em negociações cotidianas que envolvem desempenho, também definido como performance, ou seja, “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos participantes, durante a representação” (GOFFMAN, 1985, p. 23). A representação, por sua vez, é caracterizada como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Na representação de um determinado papel social, a construção da identidade do “eu” geralmente se dá pela mobilização do equipamento expressivo, pelo indivíduo, na construção de uma máscara ou persona, que Goffman denomina “fachada”, ou seja:

A dimensão do desempenho do indivíduo, que funciona regularmente de forma geral e fixa com o objetivo de definir a situação para os observadores de uma representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 1985, p. 29).

A “fachada” corresponde aos equipamentos expressivos utilizados no decorrer da representação. A função da “fachada social” é especificar o que é comum aos sujeitos pertencentes a um mesmo grupo específico, representando o que é permitido e o que é obrigado a todos – uma representação coletiva - e se subdivide em cenário e fachada pessoal. O cenário é o contexto onde se desenrola “a ação humana executada diante, dentro ou acima dele” (GOFFMAN, 1985, p. 29). Nesse sentido, o cenário desta dissertação corresponde ao espaço familiar, com sua composição que envolve a divisão dos espaços, cozinha, sala de jantar, quintal, etc., onde ocorrem as interações cotidianas. A “fachada pessoal” refere-se a tudo o que, de uma maneira mais íntima, identifica o próprio sujeito e envolve, portanto, a aparência, com o objetivo de revelar o *status* social e o tipo de atividade que o ator desempenha em um determinado momento. A maneira seria a forma como desenvolve o processo de interação diante da

situação. Goffman (1985) ressalta a necessidade de uma coerência entre a “aparência” e a “maneira” para que haja êxito na comunicação, de modo que, evidenciando certos aspectos em detrimento de outros, o ator conduz, consciente ou inconscientemente a impressão almejada. Em outras palavras, a utilização de uma fachada implica numa seleção, dentre tantas, de qual é a mais adequada para a situação.

A compreensão sobre a fachada pessoal possibilita a análise das interações dos atores homossexuais e a utilização desta fachada como mecanismo de manutenção da homossexualidade ainda não declarada.

Até aqui apresentou-se como Goffman (1985) analisa o indivíduo diante das interações sociais e como essa ação se desenvolve. Faz-se necessário agora definir quem são os atores que mobilizam as representações.

O autor destaca que o indivíduo estará sempre realizando uma representação de si para os outros, e que este indivíduo desempenha dois papéis fundamentais: o de ator e o de personagem. O de ator é definido como “um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encarar uma representação” (GOFFMAN, 1985, p. 230). E o de personagem “como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar” (GOFFMAN, 1985, p. 231). O autor observa que ocorre uma equiparação, em certo sentido, entre o personagem que o indivíduo representa e o próprio indivíduo, ou melhor, “este indivíduo personagem é geralmente considerado como algo alojado no corpo do possuidor, especialmente em suas partes superiores, sendo de certo modo um nódulo na psicologia da personalidade” (GOFFMAN, 1985, p. 231).

A personagem interpretada pode ser concebida como uma espécie de imagem que aspira adquirir a confiança dos outros.

O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado (GOFFMAN, 1985, p. 231).

As interações envolvem indivíduos que presenciam, participam e cooperam nas situações e, dessa forma, colaboram para o desempenho das atuações. Goffman (1985) explica esse processo através do conceito equipe de representação, ou seja

um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe é um grupo mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação (GOFFMAN, 1985, p. 99).

O ato de “sair do armário” envolve não somente o ator homossexual, mas também os atores que compõem esse cenário, como os pais, irmãos, etc. Esse ato pressupõe uma cooperação em virtude da relação de familiaridade existente. Segundo Goffman (1985)

Acumpliciados na manutenção de uma aparência particular das coisas, são forçados a se definir uns aos outros como pessoas “a par dos fatos”, diante das quais não pode ser mantida uma fachada particular. Os companheiros de equipe, então, proporcionalmente à frequência com que agem como equipe e ao número de assuntos incluídos na proteção delimitadora, tendem a ser ligados por direitos do que se poderia chamar de familiaridade (GOFFMAN, 1985, p. 82).

Em relação às representações dos atores em termos de lugar, Goffman afirma que o espaço é “limitado de algum modo por barreiras à percepção, que variam, evidentemente, no grau em que são limitadas e de acordo com os meios de comunicação em que se realizam as barreiras à percepção” (GOFFMAN, 1985, p. 102). Ele analisa as diferentes relações de interação que ocorrem na região da fachada (palco) e região de fundo (bastidores).

A região de fundo ou bastidores geralmente está localizada em uma região oposta à da representação propriamente dita. É o “lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é

sabidamente contradita como coisa natural” (GOFFMAN 1985, p. 126). Ou seja, os bastidores são a região em que acontece tudo que deve ser mantido longe da plateia, em uma representação. É o lugar onde todos os aparatos e equipamentos são orquestrados para o sucesso da representação. É o espaço em que

O ator pode descontraí-se, abandonar a sua fachada, abster-se de representar e sair do personagem. [...] Como os segredos vitais de um espetáculo são visíveis nos bastidores, e como os atores se comportam libertando-se de seus personagens enquanto estão lá (GOFFMAN, 1985, p. 107).

Por se tratar de uma região de segredos, o controle deve ser efetuado de forma efetiva, pois, uma vez invadido, pode estar em risco a representação na região de frente.

A compreensão sobre o funcionamento dos bastidores possibilita a percepção de sua importância no processo que antecede a “saída do armário”, enquanto um espaço onde afloram angústias, preocupações, tomadas de decisões e uma contínua busca de controle da expressividade para representação perante a plateia.

A “região da fachada” “se refere ao lugar onde a representação é executada” (GOFFMAN, 1985, p. 102), ou seja, onde a cena acontece. O cenário, enquanto equipamento fixo, acompanhará as ações a serem realizadas. Cabe salientar que nem todos os aspectos de uma representação serão executados para uma plateia, mas para a região de fachada.

Segundo Goffman (1985) a representação na “região da fachada” exige do ator um maior empenho, objetivando preservar a aparência, como também a inserção de padrões de polidez e decoro. A polidez remete à fala ou gestual, e o decoro a um comportamento visual ou auditivo em relação à plateia. O autor ressalta que o decoro resulta num aprofundamento maior do que a polidez, ou seja, “os atores podem deixar de se expressar, mas não conseguirão evitar a emissão de expressão” (GOFFMAN, 1985, p. 103).

O palco, segundo o autor, é o lugar de apresentação das fachadas. Sendo o lugar das apresentações, o palco, nesta dissertação, se apresenta como

o lugar onde o indivíduo deixa de representar sua fachada presumida de heterossexual e expõe sua nova fachada, a fachada homossexual, no cenário familiar e as reações e ações resultantes dessa ação.

Para analisar como ocorrem as interações sociais, Goffman (1988) vai utilizar o estigma como ferramenta de análise das relações entre os indivíduos “normais” e os considerados estigmatizados. O estigma é comumente definido como um atributo psicológico ou físico, aparente ou não, que está relacionado a uma marca social de vergonha, depreciando o indivíduo no convívio social (GOFFMAN, 1988).

O autor faz um recorte histórico sobre a concepção de estigma, passando pela Antiguidade Clássica, em que o termo designava algo extraordinário ou mal *status* moral representado por meio de sinais corporais aos quais as pessoas normais deveriam manter distância. Na Era Cristã, o termo vai assumir duas concepções: a religiosa (estigma como graça divina) e a patológica (distúrbio físico). Na atualidade, ainda é utilizado em sentido semelhante ao original no que se refere a uma condição social de desgraça e descrédito. Quando um indivíduo se depara com outro em uma situação de interação, ele é levado a categorizá-lo, estigmatizando-o ou não responde à representação da personagem, uma vez que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN 1988, p. 11).

Esta classificação, portanto, depende de elementos “estruturais”, anteriores à interação, assim como de representações que adquirem sentido na contingência, no momento do encontro e no contexto específico daquela situação.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" - para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação"(GOFFMAN, 1988, p. 11).

Na perspectiva goffmaniana, o estigma não é uma característica do indivíduo, mas sim produto de uma relação social, da interação entre indivíduos.

Ou seja, o estigma é uma linguagem de relações, de perspectivas que são geradas nas casualidades da vida social (GOFFMAN, 1988). Os papéis de “normal” e “estigmatizado” são intercambiantes dependendo do contexto, pois ao longo da vida os indivíduos acabam desempenhando ambos. Nesse sentido, o que acaba sendo depreciado não é o estigma em si, mas o seu significado.

O autor ao tratar do estigma utiliza-se de duas categorias: a condição de desacreditado e a condição de desacreditável. A primeira pode compreender três tipos de estigmas nitidamente diferente:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Em todas essas tipologias pode-se encontrar a mesma característica sociológica: “um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1988, p. 14).

Diante do exposto, a homossexualidade se enquadra no segundo tipo apresentado, em decorrência das ações, comportamentos e desejos dos indivíduos homossexuais não corresponderem às regras sociais construídas como “normais”.

Enquanto que no primeiro conjunto há uma exposição dos estigmas da pessoa estigmatizada, ou seja, no caso do indivíduo desacreditado o problema que se coloca é a manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais.

A condição de desacreditável, segundo Goffman (1988), se dá quando o indivíduo não demonstra uma qualidade diferencial manifesta e que não merece importância especial. Ou seja, quando a diferença não é imediatamente aparente percebível ou que dela não se tenham um conhecimento prévio. Ou

seja, no caso do desacreditável é a manipulação da informação sobre o seu estigma. “Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN, 1988, p. 51).

O autor acrescenta, ainda, que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. Entende-se por identidade social a categoria e os atributos inerentes a cada pessoa, visíveis nas relações sociais: é a imagem que o indivíduo apresenta sobre si no trato social. A identidade social real se constitui na “categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir” (GOFFMAN, 1988, p. 6), e a identidade social virtual consiste na categoria e atributos que o indivíduo deveria ter. Quando ocorre uma discordância entre a identidade social virtual e a identidade social real o resultado é um atributo depreciativo, um estigma, uma vez que, ao perceber que o indivíduo “tem um atributo que o torna diferente do outro, um atributo depreciativo, [...] deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 1988, p. 12).

Esta divisão entre desacreditado e desacreditável possibilita a análise, de como o indivíduo homossexual que possui o estigma invisível manipula as informações a respeito dele e como lida com a decisão de expor, ou não, sua identidade homossexual. Ou seja, como se dá a passagem de indivíduo desacreditável (que precisa manipular informações) para desacreditado (que precisa manipular situações sociais difíceis). No caso dos homossexuais, a passagem de desacreditável para desacreditado é conhecida e nomeada como “assumir-se” ou “sair do armário”.

Goffman (1985) apresenta a noção de encobrimento, ou seja, o ocultamento e manipulação, por parte dos indivíduos, de sua identidade estigmatizada. Eles podem receber e aceitar falsas suposições a seu respeito e várias são as estratégias usadas para ocultar esta informação de outros. Outro conceito é o de acobertamento, que diz respeito aos mecanismos utilizados pelos desacreditados para manipular e reduzir as tensões resultantes das interações.

Goffman (1985) descreve que o encobrimento é utilizado pelos indivíduos que geralmente levam uma “vida dupla”: buscam prevenir-se para não serem “apanhados em flagrante”, isto é, para que o estigma não seja revelado

imprudentemente. Evitam, assim, situações não previstas que os obriguem a dar uma informação que revelaria seu estigma. Dessa forma vivem, portanto, em contínua pressão para a elaboração de mentiras que evitam ou adiam o anúncio de sua verdadeira condição.

Retomando a questão do estigma, Goffman (1988) sinaliza que um grupo de indivíduos que não segue as regras de “normalidade” será estigmatizado por apresentarem uma atuação desviante. No entanto, ele salienta que a noção de desvio é uma construção social e serão essas regras sociais que vão definir os indivíduos considerados “normais”.

Becker (2008) acrescenta que o grupo que discorda da norma construída será rotulado de desviante “por não aceitar a regra pela qual está sendo julgado e pode não encarar aqueles que o julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo” (BECKER, 2008. p. 15). Ou seja, neste caso, a situação inverte-se: o indivíduo que não se considera transgressor da regra construída vai considerar desviantes as pessoas que a construíram. É precisamente o caso dos homossexuais que “desenvolvem ideologias completas para explicar por que estão certos e por que os que desaprovam e punem estão errados” (BECKER, 2008. p. 17). Portanto, se torna desviante tanto quem constrói as regras como os que as descumprem, uma vez que “cada indivíduo participa de ambas as posições, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida” (GOFFMAN, 1988, p. 148).

Segundo Becker (2008), o desvio em si é um conceito vago e divergente que decorre de um processo de rotulação nem infalível nem correspondente ao real, sendo o indivíduo desviante aquele a quem, devido a relações complexas de poder, um rótulo foi aplicado com sucesso. Não haveria, nesse ator social, uma motivação localizada e identificável como causa do comportamento desviante, como algo que emerge das relações sociais; que é criado nelas; na própria sociedade estão as regras de cuja violação decorre o desvio. E é necessário certo grau de consenso e cooperação de muitas pessoas para que um desvio seja sancionado como tal. Dessa forma o desvio não é definido pela qualidade do ato ou por um condicionamento de qualquer natureza, mas sim como algo que resulta da interação entre acusadores e acusados. Ele é tomado como uma noção perspectivada e controversa, uma vez que “as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário,

constituem objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade” (BECKER, 2008. p. 30).

Os conceitos até aqui expostos possibilitarão a reflexão que faremos a seguir sobre a ação da “saída do armário” por atores homossexuais.

No capítulo a seguir são apresentados os atores que se dispuseram a colaborar com a presente pesquisa, se desnudando de si, compartilhando suas vivências e enfrentamentos durante o percurso de “saída do armário”.

2 UM ATOR DIANTE DE SUAS PERSONAGENS

2.1 PROCURAM-SE “ARMÁRIOS ABERTOS”: UM PROCESSO METODOLÓGICO

Definiu-se que esta pesquisa seria realizada com dez homossexuais assumidos, residentes em Foz do Iguaçu pelo menos há dois anos, com faixa etária entre 21 e 55 anos e que, acima de tudo, estivessem dispostos a reviver, por meio de narrativas, sua trajetória de “sair do armário”.

Após a aprovação do projeto no Conselho de Ética, iniciaram-se os contatos com os possíveis interlocutores. Os contatos ocorreram via e-mail, telefone e pessoalmente. O que parecia ser a etapa mais fácil, causou algo inesperado e impactante: ocorreu que quatro pessoas responderam que ficaram felizes pelo convite, mas não gostariam de participar, mesmo em se tratando de um trabalho acadêmico.

Entre os dez atores que concordaram em colaborar, seis são solteiros; dois moram com seus parceiros (não são casados oficialmente); um vive um relacionamento há longo tempo - mas não mora com o parceiro - e um é casado oficialmente. Apesar de não ser um critério para a seleção, cabe salientar que todos os entrevistados possuem o ensino superior completo: um é mestrando e três são doutorandos. As entrevistas foram realizadas durante o mês de março de 2018.

Para que as entrevistas ocorressem de forma mais natural possível, houve uma preocupação e um cuidado para que o entrevistado se sentisse à vontade. As entrevistas ocorreram sempre com o devido agendamento prévio e tiveram a duração, em média, de uma hora cada uma. Como eram entrevistas semiestruturadas, no decorrer delas foram surgindo outras perguntas e isso contribuiu para que os relatos fluíssem de forma mais espontânea. Em virtude dessa espontaneidade, em vários momentos os entrevistados se emocionaram e, em outros, houve intervalos de silêncio. Aconteceram, inclusive, momentos de interrupção da entrevista para que o interlocutor pudesse se recompor antes de prosseguir, uma vez que os relatos, evidentemente, trouxeram à tona experiências doloridas.

Para manter o devido anonimato dos colaboradores, optou-se por identificá-los com nomes das personagens homossexuais da dramaturgia nacional, como uma forma de homenagear os autores que, com sua arte, contribuíram com a temática. Cabe ressaltar que esses nomes são meramente o codinome dos entrevistados, não tendo nenhuma semelhança ou identificação com os personagens das peças teatrais selecionadas.

2.2 QUE SE ABRAM AS CORTINAS! OU MELHOR, “AS PORTAS DO ARMÁRIO”!

A partir de agora apresentarei as dez personagens que se dispuseram a compartilhar a trajetória da “saída do armário” por meio de uma breve apresentação que resume a trajetória de cada entrevistado.

Pedro⁵

Quarenta e três anos, professor, doutorando, solteiro. Na infância, vivenciou situações de preconceito na escola. *“Quando eu ia brincar com os meninos sempre surgia alguma piadinha e eu escutava e isso me feria muito”*. Aos 19 anos deixou a casa dos pais para ir morar com a irmã em Porto Alegre (RS) e, após três meses, vivenciou sua primeira experiência homossexual. Dois anos após essa experiência, sua irmã ficou sabendo de sua orientação sexual, por intermédio do homem com o qual Pedro teve sua primeira relação. Essa descoberta obrigou Pedro a declarar sua homossexualidade para a irmã de forma involuntária – o que Saggese (2009) designa como *outing*⁶.

No ano de 1995, aos vinte e três anos, mudou-se para Foz do Iguaçu e, durante a graduação, foi aos poucos se abrindo para os amigos mais próximos. Em Foz do Iguaçu (PR), viveu os primeiros movimentos das noites denominadas GLS. A sigla GLS significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Criada na primeira metade dos anos de 1990, é utilizada, “principalmente, para qualificar o circuito de lazer da cidade, embora hoje também se aplique a outros serviços e até a um

⁵ Personagem da peça “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá” de Fernando Mello, 1973.

⁶ Segundo Saggese (2009), “outing” acontece quando a declaração ocorre de forma involuntária, ou seja, quando não é efetuado pelo próprio ator, diferentemente do *coming out*.

determinado espírito GLS” (FACCHINI, 2005, p. 125). Esses espaços ainda eram “lugares que tinham umas portinhas muito escuras, assim, fechadas, né, não era um ambiente ‘escancarado’ e você sempre se sentia... você não queria ficar ‘dando pinta fora’”. Somente aos trinta anos, quando já estava estabelecido em sua carreira profissional e acadêmica, é que falou de sua homossexualidade para seus pais. Mesmo sendo assumido, ainda se retrai diante de algumas situações: “eu ainda carrego todo esse passado, então pra mim ainda não é tão fácil ou ainda não consigo me apresentar e falar sobre isso, deixo... subentendido (risos)”.

Veludo⁷

39 anos, solteiro, formado em Administração, nascido em uma cidade do interior do Paraná, em 1979. Após seu nascimento, vieram residir em Foz do Iguaçu (PR). Aos vinte e dois anos, saiu da casa de seus pais e foi morar na cidade de Medianeira (PR). Essa mudança foi ocasionada em virtude de estar em um relacionamento homossexual ainda não declarado. Aos vinte e quatro anos, em uma de suas visitas à família, foi interrogado pela irmã sobre sua orientação sexual e, não percebendo a presença de sua mãe, sua orientação acabou sendo declarada. Veludo ficou sabendo da repercussão por meio das falas da irmã, pois logo após essa circunstância retornou para Medianeira.

A situação gerou um cenário de tensão entre os dois irmãos em relação a Veludo, a ponto de, quando ocorriam as reuniões familiares, eles sempre “me colocavam na terceira pessoa, como se eu não existisse”.

A relação com um dos irmãos ainda continua problemática “*pelo fato dele se tornar uma pessoa radical. No caso, mudança de religião*”. O irmão, por seguir os preceitos religiosos, tem dificuldades de aceitar a orientação homossexual de Veludo.

A partir da declaração, Veludo não esconde sua orientação. “*Eu deixo claro pra não ouvir piadas ou desaforos. Tipo assim, eu respeito pra receber o outro e quero respeito também*”. Mesmo falando abertamente sobre sua homossexualidade, já vivenciou situações de desajustes nas suas interações

⁷ Personagem da peça “Navalha na carne” de Plínio Marcos, 1967.

sociais. Fazendo uma análise, ele afirma: *“Já conquistei bastante coisa, quero conquistar muito mais”*.

Artur⁸

Vinte e oito anos, formado em Administração, gerente de loja. Seu pai, extremamente violento e alcoólatra, foi responsável por algumas marcas na infância de Arthur: *“lembro como hoje da surra que levei por estar brincando com meu amigo, que era vizinho, estávamos pegando um no “pintinho” do outro e meu pai viu, foi horrível, nós nem sabíamos o que estávamos fazendo, era só uma brincadeira”*. A mãe era quem tentava negociar as situações de conflito. *“Lembro-me que várias vezes minha mãe me abraçava forte, e dizia que sempre estaria do meu lado. As vezes ela me via triste, ficava me olhando, e de vez em quando perguntava o que estava acontecendo”*.

Sua primeira experiência homossexual propriamente dita foi aos 16 anos com um amigo da escola. Aos vinte anos contou sobre sua homossexualidade, o que gerou uma tensão nas interações familiares. Logo depois saiu de casa e concluiu o ensino superior, período em que conheceu seu parceiro. Em razão da transferência do companheiro para Foz do Iguaçu, residem nesta cidade há quatro anos. *“Olha, não foi fácil enfrentar a família e ir e recomeçar a vida depois de abrir as portas do armário, mas valeu a pena”*.

Serginho⁹

Vinte e seis anos, solteiro, formado em Agronomia. Na adolescência, sua convivência era maior com suas primas e amigas de escola. Estas últimas foram as primeiras a saber de sua homossexualidade: *“ah, eu tenho um amigo gay”, parece que, assim, é uma festa para elas ter um amigo “viado”, era uma coisa normal*. Nesta fase, *“já ficava com homens, mas sempre escondido”*. O ato de falar de sua orientação homossexual para a família ocorreu em 2009, aos 17 anos. Em virtude da relação afetiva com os avós, eles foram os primeiros a saber

⁸ Personagem da peça “Santidade” de José Vicente, 1967.

⁹ Personagem da peça “Toda nudez será castigada” de Nelson Rodrigues, 1965.

de sua orientação. Contar para os pais foi um pouco mais complicada, pois ele estava na casa dos avós e falou para eles por telefone.

Em 2014 Serginho mudou-se para Foz do Iguaçu (PR), onde iniciou sua formação superior em Agronomia. Ele faz questão de salientar que essa profissão ainda é predominantemente masculina e isso gera situações de tensão em relação aos indivíduos homossexuais. Porém, ele conseguiu gerir esse período com tranquilidade e construiu estratégias para o enfrentamento no campo profissional: *“então, primeiro eu fiz meu campo, mostrei que eu era profissional o bastante, aí quando eles chegavam e perguntavam eu falava “Não, eu sou gay”*. Ressalta que, mesmo sendo assumido, mantém-se reservado: *“se chegarem e perguntarem: você é gay? Digo: sou, mas não vou chegar logo de cara avisando que eu sou gay”*.

Binho¹⁰

Trinta e nove anos, casado, pedagogo, nasceu em Paranaguá (PR), em 1979. Anos depois, em virtude da separação de seus pais, foram morar com a irmã casada que residia em Londrina(PR). Foi um período de turbulência causada pela separação *“estava uma revolução muito grande, assim, ali entre os nossos familiares. Brigas..., não estava, assim, harmonioso”*. Na adolescência tinha a percepção de sua orientação homossexual e já estava pensando em morar com amigos, visando vivenciar abertamente sua homossexualidade.

A declaração aconteceu em um almoço de família, primeiramente para sua mãe e irmãos. Por estarem separados, seu pai ficou sabendo por terceiros, e foi procurá-lo para saber se era verdade *“o que andavam dizendo”*. A surpresa de Binho foi em relação à reação de sua irmã: embora fossem muito próximos, ela reagiu de forma mais drástica do que a mãe.

Já a reação do irmão, ao contrário do que Binho esperava, foi de acolhimento e apoio: *“quando eu saí de casa foi ele que alugou a casa pra mim, ele que fez a minha primeira compra, ele que deu essa largada para eu poder... criar minha independência”*.

¹⁰ Personagem da peça “Dentro” de Newton Moreno, 2002.

Em 2005 mudou-se para Foz do Iguaçu (PR) e, em 2016, casou oficialmente em uma cerimônia para os amigos mais próximos.

Vitor¹¹

Trinta e oito anos, casado, professor. Em 1999, com dezenove anos, mudou-se para Foz do Iguaçu (PR). Foi no período em que estava cursando a faculdade que vivenciou suas primeiras experiências homossexuais: *“a partir do momento que eu comecei a sair com pessoas do mesmo sexo, assim, foi muito natural”*. Neste período morava com sua mãe e sua irmã e o processo de declaração da homossexualidade se deu em virtude de um relacionamento que estava vivenciando, e começaram as interrogações por parte de sua mãe. Vitor considerava sua mãe uma mulher aberta aos assuntos sobre homossexualidade, porém, o anúncio gerou conflitos, sobretudo ocasionados pela não aceitação por parte de sua irmã. Passada essa fase, em 2016, Vitor casou-se com seu parceiro e reforça que esta é *“a minha orientação e eu percebo que eu tenho oportunidades de tá vivendo a minha orientação com meu companheiro, com a minha família, no meu local de trabalho, com os meus amigos”*.

Rodolfo¹²

Cinquenta e três anos, arquiteto. Sua homossexualidade era percebida por ele desde a infância: *“desde criança a gente cresce com isso, e a gente tenta esconder”*. Na juventude, foi morar com outro homem, situação que gerou uma tensão, principalmente na relação com sua mãe. O ato de falar sobre sua orientação sexual nunca veio à tona, e com o falecimento de seus pais *“a família foi se moldando a esse meu “sair do armário”*. Em relação à diversidade dos irmãos ressalta que *“uns são muito abertos e outros até poderia dizer homofóbicos. Mas assim, eu não escondi de nenhum deles. Todos eles sabem dos meus relacionamentos”*. Porém assume que *“eu só vim a ‘sair do armário’ agora depois de ser um homem maduro. E para mim isso foi muito trabalho”*. E foi *“a partir do momento que eu resolvi casar e assumir um relacionamento, isso*

¹¹ Personagem da peça “O Assalto” de José Vicente, 1969.

¹² Personagem da peça “Ópera” de Newton Moreno, 2007.

foi inevitável, natural”. Hoje, vivendo com seu parceiro, ele diz: *“todos sabem da minha relação, aceitam meu companheiro e tá tudo certo”*.

Está residindo em Foz do Iguaçu há dois anos em virtude de estar cursando o doutorado em uma Universidade Pública de Foz de Iguaçu.

Giro¹³

Trinta e três anos, filho único, ensino superior completo, trabalha em uma concessionária e reside há dois anos em Foz do Iguaçu. A adolescência e o início da juventude foram períodos complicados em termos da aceitação de sua condição, por *“viver numa cidade do interior com um pensamento muito fechado”*. Contou para os seus pais depois dos vinte e sete anos e a reação por parte materna foi de aceitação, uma vez que *“a minha mãe disse que já suspeitava”*. Já sobre a reação do pai, Giro comenta: *“o meu pai não... pra ele foi um pouco mais difícil. Sabe, a gente nunca acabou conversando a fundo a respeito disso, até hoje a gente não falou muito disso, ficou sem.... E a gente convive dessa forma”*. Depois *“que eu conheci o meu companheiro, que eu ‘saí do armário’, pelo menos foi tudo muito rápido, assim, eu fui... eles me aceitaram muito bem”*.

Giro salienta que para os amigos foi uma surpresa, e que somente comentou pessoalmente *“com um ou dois que eu cheguei e disse: ‘ah, estou namorando um outro homem, outro rapaz. Mas a maioria das pessoas foi descobrindo através de postagens e tudo mais, e foi tudo ficando mais natural, assim”*.

Tamanduá¹⁴

Vinte e sete anos, solteiro, bibliotecário, doutorando. Desde a infância enfrentou dificuldades para aceitar a sua homossexualidade, que já era latente. *“Eu venho de uma família muito tradicional, muito machista, muito racista, muito homofóbica”*. Acredita que este cenário dificultou o processo de sua *“saída do armário”*.

¹³ Personagem da peça “Abajur Lilás” de Plínio Marcos, 1969.

¹⁴ Personagem da peça “A separação de dois esposos” de Qorpo Santo, 1866.

A convivência com amigos homossexuais foi de grande importância no processo: *“acho que isso foi fundamental também para eu ‘sair do armário’, para ver que é natural, que não tem o menor problema”*. Em 2016, falou de sua homossexualidade, primeiramente para sua mãe, e a relação entre eles se tornou desconfortável. Já a recepção de seu irmão foi de muita aceitação e companheirismo. O pai, na época, já era falecido.

Residente há três anos em Foz do Iguaçu (PR), Tamanduá ressalta que *“hoje em dia não tem mais problema em falar, mas também eu não vou... Não me perguntou, eu também não tenho a menor obrigação de falar (risos)”*.

Aprígio¹⁵

Cinquenta anos, nascido em Minas Gerais, em 1967. Especialista em Docência do Ensino Superior e mestrando, vive atualmente um relacionamento sério. Aprígio têm três irmãos e uma irmã. Pertencente a uma família de formação religiosa católica, com exceção de um dos irmãos, que é evangélico *“o que é uma outra coisa também terrível”*. A percepção de sua homossexualidade foi vivenciada desde a infância, o que gerou muitas situações complicadas no convívio familiar. Entre os dezenove e vinte anos, Aprígio falou de sua orientação homossexual, primeiramente para os irmãos, que o proibiram de falar aos seus pais em virtude da saúde dos mesmos. Eles vieram a falecer sem saber, *“embora, eu tenha certeza que eles sempre souberam”*.

Residente em Foz do Iguaçu há 36 anos, veio para cá ainda adolescente, o que fez uma grande diferença, pois ele vinha de uma cidade pequena, onde o preconceito era mais gritante. Aprígio destaca que, por ser negro, ele sente uma discriminação ainda maior: *“sou homossexual e negro. Então, isso é uma coisa muito séria. Até mesmo no meio gay existe o preconceito em relação ao negro. Então imagina você ser negro e homossexual em um meio heterossexual conservador”*.

A “saída do armário”, conforme os entrevistados, gera situações de muito desgaste emocional, ou seja, questionamentos, medos, angústias etc. Há, como

¹⁵ Personagem da peça “Beijo no Asfalto” de Nelson Rodrigues, 1960.

vimos, bastante semelhanças nos relatos desses enfrentamentos vividos nos bastidores. A seguir analiso como a presença heteronormativa influenciou cada entrevistado em seu percurso de “saída do armário”.

3 ENTRE A CRIAÇÃO DA PERSONAGEM E O PALCO: OS BASTIDORES

3.1 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HOMOSSEXUAL: UM PROCESSO SOLITÁRIO PROTEGIDO A SETE CHAVES

Em se tratando das ações relacionados à “saída do armário”, é necessário compreender que elas foram construídas socialmente. E a maneira como cada ator lida com sua sexualidade irá variar conforme relações dos indivíduos em suas interações. Isso inclui fatores como o local de origem, etnia/raça, classe social, faixa etária, escolaridade, valores morais, cultura, crenças religiosas, situação familiar, rede de amigos, qualidade dos relacionamentos, local onde mora, trabalho, saúde física e mental etc. (ANTUNES, 2016).

O ato de “sair do armário” vale pelo que faz. “Ela é aquilo que faz, sem relação com uma suposta verdade guardada em algum lugar que lhe serviria de parâmetro, tal como se entendia nos processos de confissão. “Sair do armário” não é confessar-se” (CRISTÓVÃO, 2016, p. 56). Para Ferrari (2004, p. 114), seria:

Uma política que procura romper com “discursos verdadeiros” sobre as sexualidades: uma vez que nossa herança colocou a homossexualidade no campo do proibido, falar dela, defendê-la, produzir conhecimento ao seu redor, lutar por sua visibilidade, possui um aspecto de transgressão.

Segundo Ferrari (2004), esses “discursos verdadeiros” “em relação à sexualidade são construídos mediante as ações performativas repetitivas provocam nos atores internalizações de regras consideradas como “verdades”, que aos poucos vão sendo incorporadas no seu autoconceito. Segundo Goffman (1988, p. 17):

[...] os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros veem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos,

a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser (GOFFMAN, 1988, p. 17).

Esse processo de internalização pode ser definido sucintamente como a “aceitação pelos indivíduos homossexuais das atitudes negativas veiculadas pela sociedade em relação à homossexualidade” (ANTUNES & MACHADO, 2005, p. 175).

Neste sentido, cabe ressaltar que o ato de visibilizar a homossexualidade, num meio onde a regra dominante é a heterossexualidade, traz diversas implicações sociais e tem inúmeras especificidades de acordo com o contexto de cada indivíduo. Este emaranhado de situações pode contribuir para o aumento do estresse e muitas vezes da depressão e, em alguns casos, o suicídio. As alternativas para os homossexuais exporem suas emoções e sentimentos ainda são determinadas por divergentes maneiras de não dizer aquilo que se deseja em torno da sexualidade (MISKOLCI, 2016).

A forte presença da heterossexualidade normativa, ou seja, o modelo “masculino” e “feminino” que se cristalizou como regra hegemônica, dificulta qualquer ação que queira desestabilizá-la. O reflexo dessa cristalização contribui para a construção dos preconceitos que vão internalizando nos atores um sentimento de inferioridade em relação à norma vigente.

Por essa razão buscamos, nas entrevistas, observar como a presença heteronormativa influenciou cada ator em seu trajeto de “saída do armário”. Partiremos do pressuposto de que o preconceito já internalizado influencia o ator em sua percepção de si mesmo e, portanto, gerar emoções que muitas vezes provocam o isolamento e o retraimento, mas que, ao mesmo tempo, vão impulsionar a concretização da ação da “saída do armário”.

Na infância dos entrevistados é possível observar cenas onde as performatividades dos gêneros vão se impondo de forma coercitiva e, dessa forma, delineando um caminho “natural” a ser percorrido. “A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1988, p. 193).

Vejamos o relato de Pedro: *“Olha... Eu tenho experiências, assim, de ser gay, da infância, de ter sofrido algum tipo de bullying, não bullying muito*

*pesado, mas quando eu ia brincar com os meninos sempre surgia alguma piadinha e eu escutava e isso me feria muito". E as reflexões que ele faz a respeito daquele cenário, "toda essa carga heterossexual que existia na década de 80, 90 com essa imposição de que o homem tem que ser macho, tem que jogar futebol, não pode rebolar, não pode ser o Ney Matogrosso, né, por exemplo na década de 80, "mariquinha" ... **Toda essa carga fez com que tudo ficasse mais pesado e internalizasse que ser gay era errado (grifo nosso)**".*

Aprígio vivenciou situação parecida, mas em relação às interações com seus irmãos:

Eu sempre soube que eu era diferente deles. Eu não sabia o que era, mas desde muito criança, assim, com seis anos de idade, sete anos de idade, eu sabia que eu não era a mesma coisa que eles. Eu tinha uma coisa que era diferente, eu não sabia o que era. [...] Desde sempre, eu me lembro de ser chamado de "mariquinha", de "mulherzinha"... Ou, senão, tinha, por exemplo, tinha um travesti ou uma travesti na cidade onde eu morava. Os meus irmãos, dentro de casa, me chamavam pelo nome da travesti, entendeu? Pra poder me humilhar.

Artur relata uma experiência que marcou traumáticamente a sua infância: *"lembro como hoje da surra que levei por estar brincando com meu amigo, que era vizinho; estávamos pegando um no pintinho do outro e meu pai viu, foi horrível, nós nem sabíamos o que estávamos fazendo, era só uma brincadeira".*

Segundo Cristóvão (2016, p. 24):

Viver em sociedade construindo-se como um indivíduo homossexual não é trivial. Os primeiros conflitos e questionamentos individuais, quando ainda se é uma criança, as várias situações de constrangimento pelas quais se passa em cenários como o familiar, as múltiplas interdições vividas nas mais variadas esferas públicas são algumas experiências que fazem da homossexualidade um estigma social.

Aprígio relata como se sentia diante de seus desejos ainda não compreendidos por ele: *"Lá pelos doze, treze anos que a gente começa a ter*

ereção noturna, começa a ter sonho erótico, eu comecei a sonhar com homens. Todos os meus amigos sonhavam com mulheres, eu comecei a sonhar com homens". E relata como se dava o processo:

E se eu for fazer um retrospecto, esse meu desejo por homens, desde criança ele já estava lá, porque eu lembro que eu era muito criança e tinha um programa na tevê chamado "Casal 20", que tinha o Seu Hart e tal. Eu achava o Seu Hart lindo, então eu sonhava, assim, tipo eu sonhava que ele era o meu pai, sonhava que ele vinha, me levava passear, sabe? Tipo, sonhava acordado, eu estou dizendo, imaginava aquilo, entendeu? Quando eu fui ficando mais sexualizado, eu imaginava, assim, que ele ficava nu (eu nunca tinha visto um homem nu na minha vida). E aí eu imaginava que ele ficava nu, deitado e eu caminhava em cima dele e eu ficava excitado com aquilo e eu não sabia o que que é que estava acontecendo, porque eu não sabia nada de sexualidade, eu não sabia nada.

O não entendimento e mesmo a negação dos sentimentos e desejos considerados "proibidos" resultava em conflitos que nem sempre, num primeiro momento, eram entendidos pelos próprios atores.

Para Aprígio, essa negação foi decorrente, sobretudo, das influências religiosas que norteavam sua família:

Quando eu comecei a ficar adolescente, comecei a sonhar com homens e eu queria tirar isso da minha vida de qualquer maneira. Então, eu passava horas e horas rezando e pedindo pelo amor de Deus que Deus tirasse aquilo de mim, entendeu? Tinha - é muito engraçado isso que eu vou falar - tinha um programa que chamava... Era "Ave Maria com Júlio Louzada", passava numa rádio que eu não me lembro bem o nome. E a minha mãe escutava muito isso e ele falava igual falam hoje "Ah, coloca o copo na frente... O copo de água na frente do... do rádio que essa água ficará abençoada, fica uma água benta". Eu colocava e eu bebia aquela água pedindo pra que Deus realizasse um milagre em mim para me tirar a homossexualidade.

Artur também descreve como foi difícil lidar com as emoções que sentia:

Eu chegava em casa, entrava no meu quarto, fechava a porta e chorava compulsivamente; eu não sabia o que era direito mas eu sei que eu sentia uma atração por um dos meus colegas de aula e isso me

causava uma mistura de medo e desejo ao mesmo tempo. Era um sentimento diferente que eu não sabia distinguir e isso me angustiava muito. Eu ficava me questionando porque eu não era igual aos outros.

A situação vivenciada, segundo Artur, era tão intensa que “às vezes, à noite, eu ficava tão angustiado que rezava para morrer pois eu tinha medo do que eu sentia e eu via que esse sentimento iria me fazer sofrer”.

Sensações semelhantes igualmente são descritas por Tamandúá: “eu tive um tempo de muita angústia quando eu era adolescente de não saber o que eu era, o que eu gostava”.

Nunan (2007), destaca que atores homossexuais buscam construir defesas como meio de contornar seus conflitos interiores, e o processo de negação é uma delas. De forma sucinta, a negação pode ser definida como um “mecanismo de defesa em que aos fatos ou implicações lógicas da realidade externa é negado reconhecimento, em favor de fantasias internas de concretização de meros desejos” (CABRAL & NICK, 2003, p. 205). Em outras palavras, é essencialmente um processo de inadequação do qual o indivíduo inconscientemente modifica a realidade para que esta se adapte às suas necessidades (NUNAN, 2003). No entanto, “grande parte das atitudes que estes indivíduos adotam tende a potencializar seus sentimentos de vergonha e culpa” (NUNAN, 2003, p. 97).

O medo e a preocupação com a rejeição foram aspectos também muito presentes nas falas dos entrevistados.

Na fala de Binho, por exemplo:

Ah, era de medo, de angústia, de você não saber lidar com a situação, de culpa, né. Você se sentia culpado por não ser normal, né, porque na minha cabeça eu achava que eu não era normal, não era igual às outras pessoas. Então eu tinha aquele sentimento de ser errado.

E no relato de Rodolfo:

Tu avança e quando tu te dá conta que tu tá querendo "sair do armário" que tu tá vendo que os outros tão percebendo isso tu recua, ou seja,

quando o copo tá quase transbordando, mas ainda não transbordou e tu dá um passo pra trás. Que eu estava sendo julgado por um... por um... por ser homossexual, enfim né, e não ser aceito socialmente.

Para Nunan (2003), o medo que advém da possibilidade de ser rejeitado pelas pessoas mais próximas à sua rede de relações não pode ser de forma alguma minimizado e, “no caso da família, além do medo da rejeição afetiva existe o temor da reação desta” (NUNAN, 2003 p. 43).

Como confirma Rodolfo, “*medo de não ser aceito pela minha família, principalmente pela família*”.

A narrativa de Serginho também traz à tona, de forma muito intensa, esse medo da rejeição:

Eu tinha aquele medo assim, se ela falasse assim “ah, some da minha vida, nunca mais quero te ver ... A gente vê muito filme, a gente vê muita novela e a gente imagina que o pior vai acontecer com a gente, então a gente não sabe que... “ah eu vou falar pra minha mãe que eu sou gay”, não sabe o que vai passar na cabeça dela. Então eu tinha medo do repúdio, dela falar “some da minha vida, eu não quero mais você como filho”, então eu tinha esse medo.

A tensão provocada pela performatividade contínua do estigma em relação à homossexualidade, tende em alguns casos a provocar a redução da autoconfiança, a tristeza, o pessimismo, a ideia de culpa e inutilidade, elementos presentes na depressão (GUEDES, MACHADO, 2016).

Nas entrevistas, aparecem sintomas e episódios depressivos. Como no caso de Pedro:

Eu já estava deprimido, mas não chegou a ser depressão, mas eu fiquei muito triste. E a minha mãe, a minha família, eles acharam muito estranho o fato de eu ter ficado tão triste dessa forma. Então a minha mãe ficou pensando que eu poderia ter algum problema, e esse problema poderia ser até o uso de drogas, porque ela não entendia, não sabia o que que era. [...] só consegui porque estava passando por uma crise e estava tão afogado, tão sufocado que precisei contar, eu precisei me mostrar. E também era uma forma de dizer: “Não estou usando drogas. Meu problema é esse. Se há algum problema, é esse.

A situação de Giro vai além de episódios depressivos: *“porque eu me isolava de todo mundo, eu não me identificava com nenhum grupo e eu achava que ninguém ia me aceitar no dia que descobrissem, então foi criando um... Fui me afastando, me afastando a ponto de eu tá sozinho e não ter mais pra onde correr”*.

Para Nunan (2007), o risco para depressão e pensamentos autodestrutivos é particularmente elevado, visto que o ator internaliza a vergonha e a crença de que ele é diferente, e essa diferença dificulta a interação, “o que intensifica sentimentos de abandono, baixa autoestima e desesperança” (NUNAN, 2007, p. 158).

O ator homossexual, na tentativa de se enquadrar, muitas vezes performa uma personagem seguindo o modelo considerado “normal”.

Foram reveladas, nas entrevistas, quais estratégias de encenação eram criadas como meio de encobrir o estigma e manter a fachada heteronormativa.

Como na fala de Binho: *“a gente acaba querendo seguir aquele padrão, você se sente errado, você fica tentando se encaixar, no que a maioria dos seus amigos ali, digamos que são, você tenta ser igual eles”*.

Tentando driblar o estigma, explica Passamani (2008), muitas vezes ocorre o processo de encobrimento, entendido como um componente central das experiências compartilhadas pelos homossexuais, tornando-os mais atentos a detalhes, devido à necessidade de estarem continuamente se defendendo de ataques externos. O autor acrescenta que a “valorização do espaço privado, dos comportamentos discretos e da busca da masculinidade hegemônica é uma tentativa complexa e articulada de resistir e driblar o estigma presente no espaço público” (PASSAMANI, 2008, p. 149).

Segundo Pedro, *“em ambientes muito heteronormativos eu tentava seguir essa heteronormatividade, mas é uma coisa que eu não sou - um ator tão bom - então eu deixava transparecer de alguma maneira”*. Dessa forma, o ator homossexual, muitas vezes não conseguindo manter a representação da fachada, promove um desajuste entre a ação interpretada e a desejada.

“A estratégia de encobrimento é utilizada por grande parte dos homossexuais durante algum período de suas vidas, geralmente enquanto ainda não são capazes de assumir sua orientação sexual” (NUNAN, 2007, p. 96-99). Trata-se de uma escolha consciente, apesar de que, para alguns indivíduos, é

possível que ela acabe se tornando uma resposta automática devido à elevada frequência com que é utilizada.

Essa estratégia é descrita na fala de Aprígio: *“Eu ainda tentava de uma forma ou de outra não deixar essa homossexualidade vir à tona, então eu namorava meninas etc. tentando fazer de conta que eu não era homossexual, mas eu era homossexual”*. Situação também relatada por Binho: *“Porque eu vivia uma vida, assim, que eu tinha que ficar mentindo, ficar inventando história de namoradas”*.

3.2 “É COMO UM COPO QUE VAI SE ENCHENDO, SE ENCHENDO ATÉ TRANSBORDAR”

Como vimos, o ato de “sair do armário”, segundo Nunan (2007) é resultado da intenção de evitar o desgaste pessoal causado pelo encobrimento e a opção da revelação voluntária proporciona que o indivíduo deixe de ser desacreditável para transformar-se em desacreditado (NUNAN, 2007; SAGGESE, 2009). Ou seja, o indivíduo sai da condição de quem encobre sua homossexualidade e passa a ocupar a condição de quem enfrenta os estigmas construídos socialmente.

Para Isay (1988), o indivíduo não assume uma máscara homossexual dada, mas uma máscara construída ao longo de sua vida. “Uma máscara que vai se construindo desde a adolescência, quando as identidades sexuais são mais bem consolidadas” (ISAY, 1998, p. 72). Ademais, falar que é homossexual implica uma “convergência de desejos, de sentimentos, de práticas e de consciência, que culminam em uma definição e aceitação de si como homossexual” (CASTAÑEDA, 2007, p. 52).

Saggese (2009) afirma que a ação de proclamar a homossexualidade é um processo complexo, envolto por valores culturais, e que inclui uma ordem de acordos simbólicos e práticos, desempenhada no contexto das relações interpessoais do sujeito, e que refletirá diretamente em suas interações, a partir da forma que se dará o reconhecimento enquanto ser social.

Rodolfo descreve como se deu a trajetória de falar de sua homossexualidade em virtude de não conseguir mais esconder o que, de fato, vivenciava:

Bom, em primeiro lugar "sair do armário" sempre é um ato difícil, principalmente quando a gente vem de uma família tradicional de muitos irmãos, como é o meu caso. Mas chega um momento na vida em que fica inevitável "sair do armário", porque tu não tem mais para onde fugir, não adianta. Chega um momento que tu não tem mais como ficar guardando teus sentimentos.

Tamanduá ressalta que o processo de aceitação e declaração de sua homossexualidade se constituiu a partir do amadurecimento e do entendimento de seus desejos e sentimentos:

Eu acho que é um processo... para mim acho que é um processo longo de amadurecimento e de entender quem eu era. Então acho que isso de alguma forma influenciou a minha demora de "saída do armário", mas acho que é uma... que aconteceu no tempo certo.

Destacamos também o relato de Pedro e suas reflexões:

Eu vim morar com a minha irmã, eu vim morar numa república (numa espécie de república, porque a minha irmã morava com dois amigos). E ela já tinha comentado por alto que um dos amigos que morava na república era gay. Na minha cabeça, eu já pensei lá "bom, se ele é gay, talvez seja uma possibilidade de eu ter uma experiência". Dito e feito! Eu cheguei aqui, 3 meses depois, foi minha primeira experiência sexual com um homem. Então eu tive a certeza, depois de beijar um homem pela primeira vez, eu tive a certeza de que eu era gay.

Os entrevistados, não conseguindo manter suas fachadas heteronormativas, percebem que é chegada a hora de finalizar uma performance que não se sustentava mais. Para Veludo, se tratava de “mostrar quem eu sou realmente. Ah, mostrar quem eu sou realmente. [...] E eu estava esquecendo de mim, eu estava pensando mais nos outros do que em mim”.

Aprígio compartilha do mesmo sentimento, “eu acho que foi poder ser aquilo que eu sempre fui... Entendeu? E tentar... Tentar não. Ser realmente eu, entendeu?” Assim como Tamanduá, “Eu cheguei à conclusão que as pessoas não... realmente não sabiam quem eu era. E eu acho que esse foi um ponto principal para as pessoas passarem a me conhecer melhor”.

Cabe ressaltar que “o verdadeiro eu” presente nas falas de Veludo, Aprígio e Tamanduá, na concepção goffmaniana, não é concebido como revelação do estigma, mas a admissão de uma personagem estigmatizado, ou seja, não é “revelar-se”, e sim fazer uso de uma máscara de homossexual.

Segundo Almeida (2010), “sair do armário” significa (...) estabelecer uma ação performativa que simultaneamente reinstitui o sujeito enquanto homossexual e obriga o entorno social a reconhecer a existência de (mais) um ou uma homossexual” (ALMEIDA, 2010, p. 14).

O processo da saída do armário para Giro foi um pouco mais complicado, pois adveio de uma depressão que foi se agravando em virtude da não aceitação e do receio da declaração. *“Tive uma depressão muito forte, já não conseguia mais viver sozinho. Acho que essa foi a gota d’água. Quando eu tive um surto e tive que procurar ajuda com médicos e tudo mais”*.

Para Sedgwick (2007, p. 38) “nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida” e, dessa forma, no processo de entendimento de si como ator homossexual surgem muitas dúvidas, cujas respostas mostram o quão difícil é a definição de uma identidade homossexual, e a resistência a ela.

Uma preocupação muito presente nas falas dos atores entrevistados foi a declaração da homossexualidade no cenário familiar. A declaração nesse âmbito ocorre em virtude dos atores não estarem mais suportando manter as estratégias de encobrimento, ou seja, as variadas formas de inventar desculpas e a percepção de estarem faltando com a verdade em relação à família. E diante da situação procuraram realizar o processo de passagem de desacreditável para desacreditado, ou seja, se desvencilharam do encobrimento e partiram para o enfrentamento do estigma.

Binho, que declarou sua homossexualidade ainda na adolescência, explica as razões pelas quais o fez:

eu vivia uma vida, assim, que eu tinha que ficar mentindo, ficar inventando história de namoradas e aquilo, assim, foi me angustiando e eu senti uma necessidade de partilhar verdades, e acho que o que motivou mesmo foi a questão de ser sincero com a minha família.

Para Vitor, as pressões resultantes do encobrimento também resultaram na decisão de anunciar sua orientação:

acho que a relação com a família mesmo. Assim, antes de falar é a questão de tá mentindo pra família. De estar falando para minha mãe que ia num lugar e ia no outro lugar, que estava com uma pessoa e estava com outra pessoa... Acho que isso foi, assim, o principal sentimento que levou a... Na questão de tá realmente mentindo.

Quando o ator tem a percepção dos impactos da atitude de declarar sua orientação sexual, isso contribui para uma melhor condução do processo de emancipação. O fato de pertencer a uma família em que a sexualidade não era vista como um assunto proibido fez com que a Serginho declarasse sua orientação sexual: *“a gente foi sempre muito aberto, sempre um apoiando o outro, sempre liberal, então eu tomei a decisão de contar para eles e também para viver mais tranquilo, não queria viver “dentro do armário” a minha vida inteira”*.

A situação de Artur já era um pouco diferente: *“eu não aguentava mais mentir nem para mim nem para os outros, vivia angustiado e ao mesmo tempo preocupado com a reação principalmente do meu pai, mas sentia que precisava tomar uma decisão e assumir os riscos. E foi o que eu fiz”*.

Segundo Miskolci (2007):

O armário não é uma armadilha sem saída. Sair dele também não é uma decisão puramente individual, pois o contexto social e histórico delimita esta possibilidade. Sair do closet ou não entrar nele é uma forma de resistência e, por mais complicada e difícil que seja a vida daqueles que o recusam, ela traz uma vantagem: o controle da informação sobre a vida íntima pode impedir que outros possam usá-la contra eles em um momento inesperado. Alguém fora do armário ainda pode se deparar, esporadicamente, com manifestações de homofobia, mas é menor a dúvida sobre o que pensam a seu respeito e maior o controle sobre o que virão a fazer ou dizer em relação a ele (MISKOLCI, 2007, p. 62-63).

Constata-se, nas narrativas, que os atores tinham clareza sobre deixarem de ser uma personagem desacreditável. Como diz Tamanduá: *“Chutar*

a porta, escancarar”; ou Rodolfo: “*é como um copo que vai se enchendo, se enchendo até transbordar*” e isso culmina num limiar que impulsiona finalmente o anúncio, como fez Artur: “*Eu sou gay*”. E, conseqüentemente, o ato de “sair do armário” tende a colaborar na produção de novos discursos e performances dos atores homossexuais.

No capítulo a seguir são descritas as cenas da declaração dos atores homossexuais no cenário familiar. As ações e reações que ocorrem neste palco e seus reflexos na continuidade das relações.

4 NO PALCO: UMA NOVA PERSONAGEM EM CENA

4.1 ABRINDO AS PORTAS DO “ARMÁRIO” NO CENÁRIO FAMILIAR

O ato de assumir a homossexualidade perante a família é o momento em que o ator homossexual rompe com a heteronormatividade internalizada e reproduzida pela instituição familiar. Desse modo, o “sair do armário” é sinônimo de sair do espaço privado individual e publicizá-lo diante de seus pares. E esse ato provoca as mais diversas reações: situações de silenciamento, exclusões e violências.

Segundo Foucault (1988), a instituição família é a junção dos dispositivos da aliança e da sexualidade. O dispositivo da aliança se constitui num processo de regras definidoras do que é proibido ou permitido; ele tece as relações e sustenta a lei que as rege; retém o vínculo dos parceiros com o *status* estabelecido. É um dispositivo estreitamente articulado com a Economia, estruturado para um equilíbrio do corpo social. Por sua vez, o dispositivo da sexualidade operacionaliza técnicas móveis e eventuais de poder; elabora permanentemente uma extensão dos domínios e das formas de vontade; acentua as conveniências das impressões do corpo e seus prazeres. É conectado com a Economia por meio de inúmeras articulações sutis, sendo o corpo a principal delas, dessa forma trazendo consigo as características de poder disciplinar. Portanto, sendo um repetidor da norma heterossexual e refutando tudo o que foge à mesma.

Conforme Foucault (1988), os dispositivos da aliança e da sexualidade “fixaram suportes para a constituição da família, tais como lugar obrigatório de afetos, de amor, sentimentos, sexualidade privilégio de eclosão a partir do século XVIII” (FOUCAULT, 1988, p.102).

Ainda segundo o autor em questão:

Percebe-se o dispositivo da sexualidade como os primeiros passos dados nas margens das instituições familiares (espiritual, pedagogia), depois vai centrando-se pouco a pouco na família, o que se torna perigoso para o dispositivo da aliança. Os pais e cônjuges tornam-se os principais agentes de um dispositivo da sexualidade. [...] A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão

voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para este dispositivo (FOUCAULT, 1988. p. 104-105).

No entanto, cabe ressaltar que a família modificou suas configurações de acordo com as modificações sociais.

Segundo Sarti (2004 p.19):

A tensão entre os distintos discursos familiares denota a singularidade da família no mundo contemporâneo: ela é, ao mesmo tempo, auto referida na sua construção do “nós” – nisto que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – público –, que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem que lidar.

No entanto, ainda é muito presente na família o padrão heteronormativo como regra a ser seguida pelos seus membros, ocorrendo desaprovação àqueles que as desafiam. A família orientada pelo modelo masculino e feminino recusa o comportamento considerado “diferente” e, dessa forma, dá continuidade ao pensamento heteronormativo em relação à sexualidade (SANTOS, 2007). Essas referências constituem os “modelos” do que é e deve ser a família, “fortemente ancorados numa visão de família como uma unidade biológica constituída segundo as leis da natureza” (SARTI, 2004, p.16).

Para Alves e Moniz (2015, p. 4):

o homossexual pertencente a uma família de origem, onde obteve um aprendizado de socialização, um processo de interiorização de crenças e valores, onde sua personalidade foi formada de acordo com os valores transmitidos por gerações: valores heterossexuais, valores que contradizem a sua singularidade. Então, os conflitos são recorrentes, bem como podem ocorrer agressões físicas e psicológicas, o desprezo.

Os pais criam expectativas para os filhos, esperando que os filhos correspondam às projeções consideradas “normais”. Em relação a essas projeções, Soliva (2010) afirma o que se configura quando um filho “sai do armário”:

Nesse caso, sobretudo pais e mães, se deparam com a ruptura imediata dos “sonhos” que nutriam em relação ao filho. Como que se essa notícia por si só fizesse esvaecer por completo todo um roteiro de vida esperado. Planos como netos, casamento, continuação da “casa” são abruptamente corrompidos e ameaçados. O que resta é tão somente a percepção de que precisam fazer algo para resgatar esses projetos individuais (SOLIVA, 2010, p. 1-2).

Nesse contexto, como já vimos, os maiores temores que o homossexual enfrenta são “privacidade, a dificuldade em se tocar no tema, na ciência de que será uma conversa tensa ou ainda o receio de magoar os pais, julgando que vai decepcioná-los se lhes disser a verdade” (JEOLÁS; PAULILO, 2008, p. 279).

Quanto à família, ao saber da “saída do armário”, ela tende a buscar as razões para o acontecimento: buscar culpados, soluções em médicos, psicólogos e também nas religiões, para retirar o ator daquele “equivocado”. Assim, “o famoso armário não serve apenas para se esconder, mas também para esconder o que a sociedade se recusa a ver” (CASTAÑEDA, 2007, p. 106).

Segundo Soliva (2010), a “descoberta” da homossexualidade pelos pais geralmente vem acompanhada de graves tensões capazes de romper os laços de solidariedade que a família tende a amarrar. Em algumas situações, a descoberta pode ser provocada por uma atitude deliberada do filho homossexual, que se vê cercado de dúvidas numa insuportável atmosfera de incertezas. Isso pode ocorrer por esse achar que assim estará dividindo com os pais um problema que precisa compartilhar, saindo do ocultamento. Entretanto, esse “contar aos pais” pode não vir acompanhado das expectativas positivas esperadas por esses jovens, contribuindo para um aumento das tensões que se realizam na esfera doméstica” (SOLIVA, 2010, p. 3).

A atitude de assumir para a família, muitas vezes, vem acompanhada de atos de silenciamento interditos, exclusão e agressão física. Desta forma, a atitude da família segue a atitude de seu familiar, cria-se um acordo tácito sobre não se tocar no assunto; o conhecimento do fato resta subentendido, implícito. Este mecanismo contribui “para manter a estabilidade do ajustamento familiar sem a necessidade de se correr o risco de passar pela situação movediça e

incerta que costuma acompanhar a complexidade do novo, do não conhecido” (JEOLÁS; PAULILO, 2008, p. 279).

A passagem, portanto, de desacreditável para desacreditado, no cenário familiar, provoca conflitos que, em geral, com o passar do tempo, vão se apaziguando e, aos poucos, os pais passam a aceitar a orientação sexual do filho.

4.2 UMA DECLARAÇÃO E DIVERSAS REAÇÕES

As mudanças são particularmente difíceis, uma vez que as experiências vividas e simbolizadas na família têm como referência definições cristalizadas de família socialmente instituídas pelos dispositivos jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e pedagógicos, enfim, “os dispositivos disciplinares existentes em nossa sociedade, que têm nos meios de comunicação um veículo fundamental, além de suas instituições específicas” (SARTI, 2004, p. 16).

Pais, na maioria das vezes, têm muita dificuldade em aceitar o fato de um filho não atender o ideal masculino internalizado pela cultura. A não aceitação de algum comportamento considerado intolerável, cria condições propícias “para deixar florescer o preconceito que, por sua vez, engendra atitudes e atos de discriminação, reforçando o estigma social associado às práticas sexuais não-alinhadas ao padrão hegemônico” (SANTOS, 2007, p. 5). Essas condições se tornam um elemento dificultador para a ação declaratória da “saída do armário”.

Cabe salientar que não existe modelo ou um guia a seguir para a declaração do ato da “saída do armário” no âmbito familiar, ela pode ocorrer sob as mais variadas formas e contextos. Dependendo das circunstâncias, elas podem acontecer sem preparação alguma, como na situação descrita por Tamanduá: “*Contei para minha mãe dentro do carro, ela me levando para o aeroporto para eu voltar para Foz do Iguaçu e não teve a menor preparação. Eu só virei para ela e falei: Mãe, então, deixa eu te contar uma coisa: eu sou gay. E descí do carro, saí e fui embora*”. Sobre o processo de aceitação materna Tamanduá relata: “*Minha mãe teve um processo de aceitação muito difícil, assim, ficou sem comer uma semana, fez um drama¹⁶, chorou, estava com*

¹⁶ Peça teatral de tom menos pesado que a tragédia, onde o cômico pode se misturar ao trágico. No sentido figurado, a palavra drama é frequentemente usada para caracterizar um

encosto, um monte de coisa". Situação muito parecida com a relatada por Vitor "Então, assim, teve um choro, ficou bastante tempo sem conversar comigo. A gente morava do lado, junto e a gente ficou muito tempo sem conversar, então foi bem difícil". Já Veludo não presenciou a ação, mas ficou sabendo por sua irmã "que foi um choque pra ela, que ela sofreu, assim, calada".

Segundo Soliva (2010), contar aos pais transformou-se em uma oportunidade de "gritar" para todos o que vinha sentindo há muito tempo calado. Chama ainda a atenção as formas que esses jovens escolhem para expor sua orientação sexual, "através de um ato rápido, direto e, na maioria das vezes, bastante claro, expressando, dessa maneira, a explosão de sentimentos que culmina com a frase tida como libertadora: "Eu sou gay!" (SOLIVA, 2010, p. 136).

Diferentemente de Tamanduá, há situações em que o processo da "saída do armário" passa por ações preparatórias. Como no caso relatado por Binho:

Eu sentei com a minha mãe num almoço e contei para ela, né, revelei para ela e aí ela chorou bastante, ela disse que ela sabia, que ela já entendia, mas mesmo assim depois, né, sem eu saber, ela foi conversar com a minha irmã e ela acabou achando que estava acontecendo alguma coisa comigo, ela queria criar uma defesa para tentar explicar aquilo que estava acontecendo.

Situação muito parecida com a de Giro:

Não foi tão doloroso quanto eu pensei. [...] Minha mãe pediu por que eu não tinha falado antes que ela tinha tentado me ajudar e tudo mais, né, mas o meu pai... sabe, a gente nunca acabou conversando a fundo a respeito disso, até hoje a gente não falou muito disso, ficou sem... E a gente convive dessa forma.

Para Artur, a preparação de sua "saída do armário" para seus pais foi permeada de muita apreensão e medo:

comportamento que demonstra um certo exagero nas suas queixas sobre uma determinada situação (Dicionário Online de Português, 2009).

Eu tinha muito medo da reação principalmente do meu pai, pois como ele bebia muito, suas ações geravam muita discórdia dentro da nossa casa. Eu tinha que falar num dia em que ele estivesse sóbrio. Aproveitei o dia em que ele tinha ido fazer um trabalho numa construção e chegou e foi tomar banho. Entrei na cozinha, minha mãe estava preparando a janta, eu pensei: é hoje! Fiquei conversando com a minha mãe e preparando o terreno. Ela estava um pouco ansiosa, aí meu pai entrou na cozinha conversando com a minha mãe perguntando o que tinha de janta. Eu aproveitei a deixa e disse que eu tinha algo para dizer. Respirei fundo e disse: olha eu tenho uma coisa para falar para vocês, eu sou homossexual. Gerou um silêncio grande, minha mãe ficou encostada no fogão e eu fiquei esperando o que poderia vir acontecer. A minha grande surpresa foi a reação do meu pai, pois eu esperava que ele fosse ser violento, esbravejar. Mas ele não disse nada, ficou me olhando, eu via o desprezo saltando nos olhos dele. Ele virou as costas, foi para o quarto e não saiu para jantar. Minha mãe começou a chorar e não disse nada. Ficou um silêncio, aí eu sai da cozinha e fui para o meu quarto e chorei muito.

A “saída do armário”, comumente, irrompe os sentimentos mais diversos, que se concentram nos aspectos negativos de como a homossexualidade está internalizada. Uma vez que, “a intensidade dos mecanismos de negação mostra-se visível exatamente pelo não visto, não ouvido e não falado, formas remotas, permanências calcadas em um modelo defensivo de funcionamento familiar” (JEOLÁS; PAULILO, 2008, p. 279). Para Soliva (2010, p. 138), “O malogro da homossexualidade desperta sentimentos de difícil compreensão para a família, os quais misturam medos e culpas em um esforço premente de recuperação daqueles que transgridem”.

Também pode acontecer algo que impulsiona a contar, ser gerado por outros fatores e neste caso ela não se realiza nem sob um formato de "rompante" e nem através de uma preparação preliminar. É o que aconteceu com Veludo: “a minha irmã veio me perguntar e a minha mãe estava conversando com uma amiga dela, ela prestou atenção mais na minha conversa com a minha irmã. Então, no caso, no mesmo dia foi minha irmã e minha mãe que souberam”. Fato que também ocorreu com o seu pai:

Ele soube através de um telefonema que o meu irmão fez para mim, fazendo a pergunta (que meu irmão não sabia no dia, no caso), onde meu irmão perguntou e não viu meu pai atrás dele. Onde foi o choque pro meu pai, que meu pai teve tristezas, né, chorou, mas... E desabafou

com o irmão dele uns dois meses depois, onde o irmão dele falou: "É melhor ter um filho assim do que dependente de drogas".

Para Alves e Moniz (2015, p. 6):

No momento da revelação da homossexualidade o pai e/ou a mãe busca(m) encontrar recursos para resistir a uma mudança que ele e/ou ela considera danosa para o bem-estar familiar. A percepção de que a homossexualidade é uma opção faz com que os pais se coloquem em uma posição de defesa contra o (a) filho (a) que, no seu pensamento, está deliberadamente causando um problema de dimensões impensáveis para toda a família.

Na próxima seção, serão apresentadas três situações diferenciadas relacionadas à “saída do armário” presentes nos dados.

Na primeira, “o não dito”, o entrevistado narra o fato de não ter revelado aos pais sua orientação homossexual.

A segunda, “o dito pelo não dito”, uma expressão popular usualmente empregada para concluir que, apesar de tudo esclarecido, não se chegou a nenhuma conclusão. Dito de outra forma, seria a ação de silenciamento dos pais frente ao ato de revelação e, conseqüentemente, da esquiva em tratar do tema. As ações desviantes são, então, no mínimo, contidas (PERUCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

E a terceira, “assumindo” que há um conflito no primeiro momento, mas em seguida acontece um processo de aceitação progressiva e um alinhamento no convívio familiar.

4.3 O NÃO DITO

Na família de Aprígio a religiosidade era muito presente: os pais eram católicos e, um dos irmãos é evangélico. Aprígio contou sobre sua “saída do armário” primeiramente para os irmãos e estes o proibiram de falar para seus pais:

Eu não falava, porque... Óh, primeiro eles proibiram de falar pro meu pai e pra minha mãe, então eu não falava porque não ia matá-los etc., etc. Né?! Tá. Como a minha mãe era doente, sabe, eu falei assim: "Deus me livre eu contar alguma coisa, aí minha mãe morre por uma outra coisa. Vão colocar o quê? A culpa em mim! Então não quero esse peso". Então eu não contava.

Quando ocorriam as cenas familiares, havia uma sempre uma tensão nas interações.

Eu lembro que eu tinha, quando eu comecei a ter meu primeiro relacionamento longo - que eu fiquei casado dez anos - eu... Quando eu falava no nome do meu companheiro, havia um silêncio, pois eu falava assim.... "Ah, o meu amigo Carlos fez...", porque eu não ia falar meu namorado, né, meu companheiro Carlos, era um silêncio, como se eu tivesse falado, assim, tipo... Sabe? "Hitler era um herói". Sabe? É uma coisa absurda, um silêncio. Sabe? Como se eu tivesse falado uma coisa suja, um pecado muito grande, entendeu? E simplesmente tinha falado, não tinha nem argumentação, tinha falado "amigo", né, imagina se eu falasse "namorado", imagina se eu falasse "companheiro". Então, não foi muito fácil, não.

Aprígio relata que sempre percebeu a diferença de tratamento que recebia de seu pai e que sua mãe sempre o protegia das adversidades que envolviam a relação pai e filho:

Nunca ficaram sabendo oficialmente não, mas eu... Embora, eu tenha certeza que eles sempre souberam. Por quê? O meu pai, ele nunca me tratou - quando criança e quando adolescente e até uma certa idade quando adulto - ele nunca me tratou igual ele tratava os meus outros irmãos. Ele sempre me tratou diferente. Ele implicava comigo demais, tudo que eu fazia era feio, tudo que eu fazia era errado, sabe? Ele falava... Ele sempre implicava demais comigo. E uma vez, eu era adolescente e a minha mãe disse pra ele, falou: "Olha, você não trata o Aprígio como você trata os teus outros, os outros filhos", "Claro que eu trato ele igual", "Não, você não trata, você trata ele diferente. E ele, quando ficar adulto, ele não vai ser teu amigo se você continuar desse jeito. E pai e filho tem que ser amigo". E realmente, ele nunca me tratou bem.

No entanto, com o tempo, Aprígio percebeu algumas mudanças no comportamento de seu pai e, após o falecimento de sua mãe, essas mudanças se acentuaram ainda mais.

Mas eu tinha certeza que meu pai sabia, sabe? No final da vida, por exemplo, meu pai... Bem antes até, depois que a minha mãe morreu,

o meu pai se transformou em uma outra pessoa, ele ficou bem mais carinhoso, sabe? E ele começou a me tratar muito diferente. E eu tinha o meu companheiro, o meu companheiro ia comigo nas festas de família, ia comigo na casa do meu pai (que morava em outra cidade). Ele foi pra festa de aniversário do meu pai, entendeu? E o meu pai sempre o tratou muito bem. Pra você ter uma ideia, depois que eu separei, durante muito tempo, enquanto meu pai estava vivo, o meu pai sempre perguntava dele. Então, por exemplo, o meu pai sabia.

Aprígio conta que, mesmo assim, até hoje ainda não se toca muito no assunto - diretamente. *“Hoje em dia está bem melhor, eu não diria que está o ideal, entendeu? Mas está bem melhor”.*

Vemos então que o relato de Aprígio é um dos mecanismos do "não dito": embora subliminarmente os pais davam "pistas" de que sabiam da homossexualidade, ele nunca fez verbalmente essa declaração.

4.4 O DITO PELO NÃO DITO

No caso de Pedro, como vimos anteriormente, sua primeira experiência sexual foi aos dezenove anos e aos vinte ele falou sobre sua homossexualidade para sua irmã. No entanto, a revelação para os pais ocorreu somente aos trinta anos, devido a uma desilusão amorosa que o deixou abalado emocionalmente: *“eu me apaixonei por uma pessoa, gostei muito dele e tive uma grande frustração porque eu não fui correspondido. Então eu fiquei muito triste...”*.

A situação chegou a um ponto em que “, eu me senti tão sufocado, eu precisava tanto desabafar que eu contei para minha mãe e para meu pai.

Pedro descreve a reação por parte materna:

A minha mãe sentou comigo, chorou, ficou triste, ficou preocupada principalmente com o que poderia acontecer comigo na rua, ficou preocupada se eu ia usar roupa feminina, teve essa preocupação, ficou preocupada com violência, mas também depois disso (dessa vez que nós conversamos), não conversamos mais e até hoje nós não conversamos sobre esse assunto.

Já a reação paterna foi diferente:

Meu pai ficou calado, não falou nada, não conversou comigo sobre isso, não mostrou nenhuma reação, assim... Ele ficou como se nada tivesse acontecido. Depois do ocorrido, comentava-se sobre qualquer outro assunto". [...] fica como o "dito pelo não dito". Eu acho que é porque minha família é extremamente fechada, nós nunca fomos de falar muito sobre sexualidade, comentar muito sobre sexualidade.

A reação do pai foi de silenciamento, ou seja, não houve uma reação por meio de verbalização. Segundo Goffman (2010) essa interação corre ao contrário das conversações, algumas cenas não implicam a troca de palavras. Todavia, demandam sempre de um envolvimento, que podem se manifestar unicamente pelo corpo, ou mais precisamente pela comunicação não-verbal que se difunde, independentemente da vontade do indivíduo. Uma vez que seu corpo, diante de outrem, não deixa de se comunicar: "seja por sua postura, expressão do rosto, gestos que faz, seu corpo se comunica sempre. Essa comunicação do envolvimento se dá de modos diversos, conforme as culturas" (GOFFMAN, 2010, p. 43).

Muito desse silenciamento é oriundo das performances heteronormativas: os pais esperam que seus filhos exerçam essas premissas internalizadas, quer dizer, que sejam heterossexuais e que realizem performances compatíveis com seu sexo biológico (Toledo; Teixeira Filho, 2013). Nesse sentido, o silêncio não apenas corrobora com um sistema dominante, mas também legitima a perpetuação do estigma (DA SILVA 2016; BARBOSA, 2016).

4.5 ASSUMINDO

Vejamos a situação de Serginho. Sua relação com os avós, como vimos, era muito forte, e eles foram os primeiros a saber de sua orientação:

Um dia a gente estava num churrasco na casa da minha vó num sítio e a minha prima falou: "Você não vai conversar com a vó?". Aí a minha vó falou assim: "Que que você queria me falar, Serginho? aí eu chamei a minha vó na cozinha, sentei com ela lá na mesa, comecei a conversar com ela: "Olha vó, independente do que eu vou falar, eu quero que você me apoie e tal...", aí ela falou assim "Você é gay?", eu falei assim "Sou". Então para minha vó foi muito mais normal. [...] O meu vô, que era muito rústico, bruto, do sítio, ele era deficiente auditivo, aí minha vó pediu pra ele colocar o aparelho de ouvido, aí eu falei assim... daí minha vó falou: "Ah, Marcos, aquele moço que veio aqui em casa com o Serginho não é amigo dele, é namorado", ele ficou parado na hora,

ele até ficou meio branco, a minha vó bateu nas costas dele, daí ele com aquele jeito "chucro" disse: só não quero que se vista de mulher e use tóxico, ele falou tóxico. Até hoje eu lembro disso e dou risada.

A questão que gerou receio, segundo Pedro, foi "como falar com a mãe?":

Por mais que eu tinha muita liberdade com a minha mãe, eu tinha medo da reação dela. Eu liguei pra minha mãe, naquela época não tinha os planos de celulares que tem hoje em dia, então se pagava muito caro no interurbano. Daí eu comecei a conversar com a minha mãe: Mãe, olha, independente do que eu te falar, eu quero que você fique calma -, minha mãe sempre muito "estourada". Ela falou assim "Ah Serginho, fala duma vez, eu estou pagando interurbano. Aí eu falei assim: Mãe, eu sou gay, aí ela desligou o telefone.

Posteriormente, no processo de aceitação por parte de sua mãe, a mediação efetuada por sua avó foi de fundamental importância. "E a minha vó conversava muito com a minha mãe nesse tempo e foi minha vó que fez, assim, foi "moldando" a minha mãe, até ela aceitar de fato mesmo".

Essa aceitação, pela mãe, foi mais demorada e ocorreu após Serginho ter voltado a morar em Uberlândia. Nessa ocasião ele começou um relacionamento e seu namorado passou a frequentar a casa dos pais de Serginho. E houve uma cena determinante: a resposta de sua mãe a uma vizinha que perguntou sobre a namorada de Serginho:

A minha mãe falou assim: Não, o Serginho tá lá em casa tomando banho com o namorado dele e daqui a pouco ele vem para festa. Aí depois disso minha mãe já conversou comigo, que foi no dia seguinte, ela falou que no começo ela não imaginava como era ter um filho gay, ela imaginava 'o que os outros vão pensar do meu filho ser gay?' então ela falou assim: 'Serginho, a gente tem um preconceito muito grande dentro da cabeça da gente, que a gente pensa primeiramente nos outros, a gente não pensa na gente. Então eu te aceitava como meu filho mas eu pensava assim Nossa! será que ele vai sofrer preconceito? Como que vai ser a vida? O que os vizinhos vão falar?' Ela falou que a partir do momento que ela me aceitou como gay de verdade. [...] Então ela falou assim: 'a mãe sempre sabe e o pai também, só que não quer aceitar, falar que eu quero ter um filho gay, acho que nenhuma mãe quer ter.

Essa justificativa que os pais apresentam - não quererem ver os filhos expostos a situações de violência e quererem "protegê-los" - é muito comum. "Esses medos encontram eco em representações atribuídas à homossexualidade. O conteúdo dessas representações ainda é embasado por concepções religiosas, médicas e culturais" (SOLIVA, 2010, p. 7).

A declaração de sua homossexualidade ao pai, segundo Serginho, foi mais tranquila:

O meu pai, ele é muito, muito calmo. Ele nunca se opôs a isso, falar "não, eu não quero que você seja gay", "ah, eu quero que você vá jogar futebol", nada. Mas meu pai sempre foi mais tranquilo, ele nunca me questionou por conta disso, nada... Ele eu acho que apoiou... me aceitou e me apoiou bem mais fácil do que a minha mãe.

Em relação ao irmão mais novo, a relação foi preparada, mediante diálogos sobre sexualidade, diferenças e respeito:

O meu irmão na época que eu contei ele tinha 10 anos de idade. E aí eu conversei com a minha mãe, a minha mãe falou assim "Serginho, é muito cedo pra contar pro Juninho. Eu não quero que ele cresça preconceituoso. Calma, a gente tem que preparar o terreno." Então meu irmão tinha dez anos de idade e demorou uns quatro anos pra eu contar pro meu irmão. E aí a gente foi preparando o terreno, a minha mãe comentava muito de gay com ele, comentava de lésbica, comentava das festas, do jeito que a pessoa vive (que não muda nada), então quando eu contei pro meu irmão... a minha mãe já tinha contado pra ele primeiramente, né, aí ela fez o terreno com ele e eu cheguei e contei pra ele. Sempre foi normal, nunca teve diferença nenhuma.

Percebe-se, nas narrativas expostas acima, que as reações da família diante do anúncio da homossexualidade são diversas e que, após o impacto inicial, o percurso da aceitação acontece, em geral, por etapas e passa por várias "negociações" e nuances que vão se desdobrando após a "saída do armário".

Diante da cena instaurada ocorre inicialmente uma ruptura, mas em seguida, há um apaziguamento da resistência e as relações familiares vão sendo

restabelecidas, com essa nova personagem - o homossexual assumido - agora "incluído" na cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação abordou as construções e vivências implicadas na “saída do armário”, ou seja, o ato de tornar pública a condição de homossexual. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com dez homossexuais assumidos, residentes em Foz do Iguaçu.

Para analisar o processo em questão foi utilizada a metodologia de análise goffmaniana, que analisa as interações utilizando a metáfora teatral. Mobilizou-se essas ferramentas e categorias fornecidas por Goffman para descrever e compreender as trajetórias e enfrentamentos vividos pelos entrevistados. Por esta via, apresentamos primeiramente os atores (entrevistados). Em seguida, os bastidores - o lugar protegido e recluso onde os atores viveram o difícil embate interno de identificar e entender seus sentimentos e sensações. Nos bastidores também acontece um gradual processo de auto aceitação que resulta na decisão de deixar de ser um ator desacreditável e se tornar um ator desacreditado. Esta nova condição - a de ator desacreditado, ou seja, a de homossexual que saiu do “armário”, possibilitando a esse ator finalmente enfrentar os estigmas com muito mais propriedade. E, para finalizar, introduzimos o palco: com seus diferentes cenários familiares, como o espaço das cenas declaratórias da homossexualidade.

Em linhas gerais, desconsiderando-se especificidades e olhando-se de forma mais panorâmica, as entrevistas permitiram identificar uma certa semelhança nos roteiros da “saída do armário” dos entrevistados. Ou seja, apesar de ocorrer em faixas etárias diferentes, entre 21 a 55 anos, e em trajetórias distintas, o processo de “sair do armário” percorreu alguns itinerários similares, como a percepção de sentir-se diferente dos demais em relação aos desejos sexuais e sentimentos, a identificação de desejos mais claros e mais nomináveis, uma situação em que se começa a assumir a homossexualidade internamente, a experimentação e a vivência, propriamente dita, da relação homossexual em segredo, às escondidas, a condição de desacreditável (de permanência nos bastidores) que chega ao limiar do insustentável. Acontece, então, a preparação da estratégia de falar sobre a sua orientação homossexual - anunciar publicamente a “saída do armário”, e a concretização da “saída do armário”. Essas fases geram novos desdobramentos, ou seja, os ganhos e

também as más consequências - os "prejuízos" a serem enfrentados após a ação de falar publicamente sua orientação homossexual.

A constatação diante dos relatos é que a declaração ocorre das mais variadas formas, sempre individualizadas e sem uma "fórmula" padronizada. Ou seja, algumas ocorreram após uma preparação; outras sem preparação nenhuma e algumas aconteceram por intermédio de outras pessoas, isto é, a partir de uma revelação por terceiros.

Quanto às reações dos familiares, elas ocorreram de formas diversas, mas o que ficou evidenciado é que, após o impacto inicial e de um conflito que se instaura, gradualmente, há um apaziguamento e a tensão se ameniza aos poucos. Se configuram, então, sob ajustes que vão sendo negociados, novas cenas na relação familiar.

O que se concluiu, portanto, foi que, nos bastidores há um cenário de muito sofrimento, isolamento, negação e conflito interno. O divisor de águas é o palco, onde acontece a libertação desse aprisionamento - a "saída do armário" - e o ator homossexual passa, enfim, a viver sua orientação homossexual e exercer seu direito legítimo de ocupar, em pé de igualdade, as instâncias públicas, como todo e qualquer cidadão.

Essas novas histórias serão vaiadas ou aplaudidas, mas continuarão a ser encenadas, em um palco especialmente peculiar, que nunca fecha suas cortinas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder**: Revendo um caso do Sul de Portugal. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **A chave do armário**: homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. “**Do Armário**”, Finisterra 58-59-60, pp 291-297-2007.
- ALVES, Elizabeth Arruda. MONIZ. André Luís Ferreira. **A família no processo de sair: sair do armário**. J Bras Cien Saúde [internet]. 2015 1 (1): 1-14. Disponível em: <http://publicacoes.udf.edu.br/index.php/JBCS/article/view/37/91>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- Antunes, R., & Machado, C. (2005). **Dupla invisibilidade**: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*,39, 167-187.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. 2016. 433 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BRAGA Braga *et al.* **O armário e sua (in) visibilidade**. In: 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero, 2016, Vitória/ES. Anais do 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória/ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. Disponível em: http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467399870_ARQUIVO_Trabalhocompletocongresso.pdf. Acesso em: 20 set. 2017.
- BRANDALISE, Camila. **Afinal, o que é a ideologia de gênero da qual o presidente fala?** 2019. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/04/o-que-e-ideologia-de-genero.htm> Acesso em: 11 fev. 2019.
- BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 02 fev. 2019.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução n.175/2013. **DJE/CNJ** nº 89/2013, de 15/05/2013, p. 2.
- BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **Resp. nº 930.460/PR**, 3a Turma. Relatora: Min. Nancy Andrighi. Brasília, 19 de maio de 2011. Disponível em:

<http://www.direitohomoafetivo.com.br/anexos/juris/1085.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.15.

BONI, V.; QUARESMA S. J. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entre vistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica Em Tese, v.2, n.1(3), p. 68-80, 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 13 mai. 2017.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____, Judith. Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, Cultura Visual e Performance**: antologia crítica. V.N. Famalicão: Húmus, 2011. (Coleção Antologias). p. 69 -87.

_____, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 6. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

CABRAL, A. & NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual**. São Paulo: A Girafa, 2007.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. UFG. 2004

CRISTÓVÃO, L. S. G. **Negociações com o armário**: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida. 2016. 256 f. Doutorado em Estudos da Linguagem – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. **Sobrevivência no armário**: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. Estudos de religião, v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016.

DICIONÁRIO Online de Português. Dicionário Online de Português, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/drama/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

DINIS, F. Revisitando o binômio sexo - gênero. **Revista Artemis** 2013. 15(1). 123 - 34. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16643/9509> Acesso em: 10 dez. 2017.

Domingos, JJ. **Do armário ao altar: a constituição do sujeito homoafetivo no discurso midiático** / JJ Domingos. - Paraíba: Marca de Fantasia, 2015.

DRESCHER, J.O que tem em seu armário? In: LEVOUNIS, P.; DRESCHER, J.; BARBER, M. E. **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. 2011. Disponível em:
http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/caderno_tematico_11.pdf. Acesso em: 09 jan. 2017.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004, p. 105-115.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 1996.

FRY, Peter. **Pra inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Jorje Zahar, 1982.

GENESTRETI, Guilherme. **Filme sobre 'cura gay' é cancelado no Brasil e causa revolta na internet.2019**. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/02/filme-sobre-cura-gay-e-cancelado-no-brasil-e-causa-revolta-na-internet.shtml>: Acesso em: 11 fev. 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUEDES, D. D., Monteiro-Leitner, J., & Machado, K. C. R. (2016). Rompimento amoroso, depressão e auto-estima: estudo de caso. **Revista Subjetividades**, 8(3), 603-643.

ISAY, R. A. **Tornar-se gay, o caminho da auto-aceitação**. São Paulo: GLS, 1998.

JEOLÁS, Leila S; PAULILO, Maria Ângela Silveira. **Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 7, n. 2, 2008.

MADLENER, F, e DINIS, N. F. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 19 - n. 1, p. 49-60, Jan./Jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v19n1/04.pdf> Acesso em 14 mar. 2018.

MELO, Fernando. Greta Garbo. Quem diria terminou no Irajá. In: **Revista de Teatro**, no. 400. Rio de Janeiro: Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais julho/agosto, 1974.

MISKOLCI, Richard. 2009. "**O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**". Gênero, vol. 9, n. 2. Niterói: IEG, p. 171-190.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, R. Comentário. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 55-63, 2007. **Desejo e Solidão**. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Seção Artigo e Papers. 2008 . Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=5015&sid=4>. Acesso em: 18 ago. 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MORAIS, Pâmela. **O que é ideologia gênero (e por que falam tanto dela)?** 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ideologia-de-genero-questao-de-genero/#toggle-id-1> Acesso em: 11 fev. 2019.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso da vida** / Murilo Peixoto da Mota. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado**. Tese (Doutorado em Psicologia) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9652@1. Acesso em: 18 ago. 2017. p. 41.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo. O conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana A vontade de saber. Kalagatos – **Revista de Filosofia**. Fortaleza, v. 12 n. 24, 2015. p. 89-108.

PASSAMANI, Guilherme. **Arco-íris (Des)coberto: homossexualidades masculinas, movimentos sociais e identidades regionais – os casos de Porto Alegre e Buenos Aires.** Dissertação de Mestrado, Integração Latino-americana, UFSM, 2008.

PEREIRA, Wilian Fernandes. **As chaves do armário: dicas para curiosos, amigos e simpatizantes.** Brasília: CAEL, 2012.

PERUCHI, J.; BRANDÃO, B.C.; VIEIRA, H.I.S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia.** v.19, n.1, p.67-76, 2014.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia.** São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

PORTALBRASIL. **Transexuais e travestis poderão usar nome social em cartão do sus.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/01/transexuais-e-travestis-poderao-usar-nome-social-em-cartao-do-sus>. Acesso em: 11 fev.2019.

REIS, Daniele Fernandes. **Butler: política, performatividade e desconstrução de gênero; 2013; Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade São Judas Tadeu.** Disponível em: https://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2014/269.pdf. Acesso em: 14 set. 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 80.

SANTOS, Izaac Azevedo dos. **Narrativas de um adolescente homoerótico: conflitos do 'eu' na rede de relações sociais da infância à adolescência.** Rio de Janeiro, 2008. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SAGGESE, G. S. R. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais.** 2009. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/43103157/1095_944_saggese.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501637428&Signature=UZh255ckKRxD0EJhkgi8lX1Ooiw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DQuando_o_armario_e_aberto_visibilidade_e.pdf. Acesso em: 18 jul. 2017.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

SANTOS, M.A., Brochado J.U., & Moscheta M.S. (2007). **Grupo de pais de jovens homossexuais**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v3n2/v3n2a02.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v.15, n.3, p.11-28, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, v. 28, p. 19-54, 2007. p. 22.

SEFFNER, Fernando; DUARTE, Gustavo. **E quando não há muito mais o que guardar no armário?** Homossexualidades e processos de envelhecimento. Bagoas: revista de estudos gays. Vol. 9, n.13 (jul./dez. 2015), p. 57-82.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, p. 129 - 154. 2016.

SOLIVA, T.B. (2010) **Família e homossexualidade**: Uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309_ARQUIVO_FAMILIAEHOMOSSEXUALIDADE.pdf. Acesso em: 25 fev. 2018.

SOUZA, Isabela. **Escola sem Partido**: entenda a polêmica. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/escola-sem-partido-entenda-a-polemica/> Acesso em: 11 fev. 2019.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. **Homofobia familiar**: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013.

VEJA. **Em vídeo registrado no metrô, grupo canta que “Bolsonaro vai matar veado”**. 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/matar-veado-bolsonaro-homofobicos-metro/> Acesso em: 11 fev. 2019.

FILMES

ANTES do anoitecer. Direção: Julian Schnabel. Produção: Julian Schnabel. Estados Unidos (EUA). Grandview Pictures, 2000, DVD.

O SEGREDO de Brokeback Mountain. Direção: Ang Lee. Produção: Julian Schnabel. Estados Unidos (EUA). Europa Filmes, 2005, DVD.

CARANDIRU. Direção: Hector Babenco. Produção: Hector Babenco. Brasil (BR). HB Filmes e Globo Filmes, 2003, DVD.

CAZUZA, O Tempo não para. Direção: Werneck S. & Carvalho W. Produção: Daniel Filho. Brasil (BR) Sony Pictures, 2004, DVD.

TRANSAMÉRICA. Direção: Duncan Tucker. Produção: Sebastian Dungan. Estados Unidos (EUA) Focus Filmes, 2006, DVD.

A VOZ da Igualdade. Direção: Gus Van Sant. Produção: Michael London. Estados Unidos (EUA) Universal Pictures, 2008, DVD.

HOJE eu não Quero Voltar Sozinho. Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Diana Almeida. Brasil (BR). Vitrine Filmes, 2014, DVD.

ME CHAME pelo seu nome. Direção: Luca Guadagnino. Produção: Luca Guadagnino. Itália (ITA) Sony Pictures, 2018, DVD.

TEATRO

CABRAL, Luiz. **Violeta Vita**. 1994. Texto não publicado oficialmente.

LEONEL, Vange. **As sereias da Rive Gauche**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MARCOS, Plínio. **O abajur lilás**. São Paulo: Editora Global, 1975.

MARCOS, Plínio. **A Navalha na Carne**. Editora Maltese, 1992, 10ª edição.

MELO, Fernando. Greta Garbo. Quem diria terminou no Irajá. In: **Revista de Teatro**, no. 400. Rio de Janeiro: Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais julho/agosto, 1974.

MORENO, Newton. Agreste: uma nostalgia das origens. **Sala Preta** (Revista do Departamento de Artes Cênicas da USP): São Paulo, v. 4, 93-96, 2004.

_____, Newton. **Deus sabia de tudo e não fez nada**. 2001. Texto não publicado oficialmente. Digitalizado.

_____, Newton. **Ópera**. Texto não publicado oficialmente. 2014. Digitalizado.

PIRES. Sérgio. **Esta noite ouvirei Chopin**. 2000. Texto não publicado oficialmente.

QORPO-SANTO. **Teatro completo**. Apresentação de Eudinyr Fraga. São Paulo: Iluminuras, 2001.

RODRIGUES, Nelson. **O Beijo no Asfalto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2004.

_____, Nelson. **Toda Nudez Será Castigada**. Nelson Rodrigues. Teatro Completo 4. Tragédias cariocas II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

VICENTE, José. **O teatro de José Vicente**: primeiras obras. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.